

**CONGADAS: LEITURAS E POSSIBILIDADES EDUCATIVAS A
PARTIR DAS NARRATIVAS DE PROFESSORES
CONGADEIROS DE CATALÃO-GO**

DANIANE MOREIRA MANOEL



DANIANE MOREIRA MANOEL

**CONGADAS: LEITURAS E POSSIBILIDADES EDUCATIVAS
A PARTIR DAS NARRATIVAS DE PROFESSORES
CONGADEIROS DE CATALÃO-GO**

Universidade Federal de Goiás

Campus Catalão

Programa de Pós-Graduação em Educação

2018

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

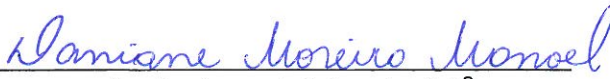
Nome completo do autor: Daniane Moreira Manoel

Título do trabalho: Congadas: Leituras E Possibilidades Educativas A Partir Das Narrativas De Professores Congadeiros De Catalão-GO

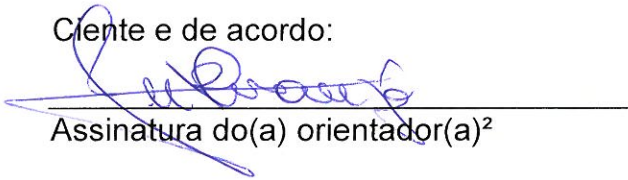
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento **SIM** **NÃO**¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 02 / 05 / 2018

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.



Daniane Moreira Manoel

**CONGADAS: LEITURAS E POSSIBILIDADES EDUCATIVAS A
PARTIR DAS NARRATIVAS DE PROFESSORES CONGADEIROS
DE CATALÃO-GO**

Orientadora: Prof^a.Dr^a. Juliana Pereira de Araújo

Catalão/2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Moreira Manoel, Daniane

Congadas: Leituras e Possibilidades Educativas A Partir Das Narrativas de Professores Congadeiros de Catalão-GO [manuscrito] / Daniane Moreira Manoel. - 2018.

80 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Juliana Pereira de Araújo.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Educação, Catalão, Programa de Pós-Graduação em Educação, Catalão, 2018.

Bibliografia.

Inclui tabelas, lista de figuras.

1. Congadas. 2. Professores-congadeiros. 3. Currículo. 4. Narrativas. I. Pereira de Araújo, Juliana, orient. II. Título.

CDU 37



PPGEDUC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - CAMPUS CATALÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO

UAEE – UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Av. Lamartine P. Avelar, 1.120. Setor Universitário, Bloco I, Sala 1A – Catalão (GO) CEP – 75.704 020 - Fone: (64) 3441-5366.

Ramal 204 – Coordenação. E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com

Ramal 206 – Secretaria. E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE DANIANE MOREIRA MANOEL

ATA DA COMISSÃO EXAMINADORA DESIGNADA PELA COORDENADORIA DO PPGEDUC PARA JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DE DANIANE MOREIRA MANOEL

Em 23/03/2018, às 14:00, no Bloco H, Sala 4, da UFG/Regional Catalão, teve lugar a Sessão Pública de Defesa de Dissertação do Mestrado em Educação da UFG/Regional Catalão, de Daniane Moreira Manoel, intitulada: **“Congadas: Leituras e possibilidades educativas a partir das narrativas de professores congadeiros de Catalão - GO”**. A Banca Examinadora foi composta, pelos seguintes professores: Juliana P. de Araújo (PPGEDUC/UFG – Orientação e Presidente da Banca), Rosa Maria Moraes Anunciato (UFSCar – Membro Externo) e Aparecida Maria Almeida Barros (PPGEDUC/UFG – Membro Interno). Os examinadores, na ordem citada, arguíram sobre a dissertação apresentada, tendo a/o discente explicado e/ou rebatido as críticas formuladas pelos arguidores. Após a conclusão da defesa, foi suspensa a Sessão Pública e, em Sessão Secreta, os arguidores atribuíram seus conceitos. Reaberta a Sessão Pública, foi anunciado o resultado: **DEFESA APROVADA**, fazendo jus, portanto, ao título de Mestre em Educação, de acordo com o artigo 57 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Educação/Regional Catalão. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos Membros da Comissão Examinadora. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG/Regional Catalão.



Juliana P. de Araújo




Rosa Maria Moraes Anunciato –



Aparecida Maria Almeida Barros –

Secretário



Vinícius Veronez dos Reis Costa
Técnico Administrativo em Educação
Universidade Federal de Goiás
SIAPE 1749488 - Matr. 98464

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Desenho produzido pelo artista Fabrício Nepea	36
Figura 2: Revista Portal Vip, 2014	43
Figura 3: Revista Portal Vip, 2014	43
Figura 4: Revista Portal Vip 2014	44
Figura 5: Acervo Pessoal da pesquisadora Daniane 2018	44
Figura 6: Revista Portal Vip 2014	45
Figura 7: Revista Portal Vip	45
Figura 8: Acervo Pessoal da pesquisadora Daniane 2018	45
Figura 9: Acervo Pessoal da pesquisadora Daniane 2018.....	46
Figura 10 Acervo Pessoal da pesquisadora Daniane 2018	46
Figura 11 Revista Portal Vip 2014.....	48
Figura 12: Revista Portal Vip 2014	48
Figura 13 Revista Portal Vip 2014.....	49
Figura 14 Revista Portal Vip 2014.....	50
Figura 15: Acervo Fundação Cultural Maria das Dores Campos	51
Figura 16: Acervo Fundação Cultural Maria das Dores Campos	52
Figura 17: Acervo Fundação Cultural Maria das Dores Campos	53
Figura 18: Acervo Fundação Cultural Maria das Dores Campos	53
Figura 19: Acervo Fundação Cultural Maria das Dores Campos	54
Figura 20: Acervo Fundação Cultural Maria das Dores Campos	55
Figura 21 Acervo Pessoal da pesquisadora Daniane 2018.....	57

RESUMO

As escolas brasileiras criaram para si um cotidiano inspirado na cultura eurocêntrica o que relegou ao segundo plano ou mesmo a inexistência do conhecimento-reconhecimento da cultura afro-brasileira. Consideramos assim que o samba, a capoeira, o mungunzá e tantos outros componentes dessa cultura assumam tão somente e quando muito aspectos “folclóricos” de uma brasilidade subterrânea. A revisão desse cenário começa na década de 1970 através dos movimentos sociais que, em meio a ditadura lideraram lutas que reposicionam o debate sobre a questão que culminam na promulgação da lei 10639/03 que obriga a inclusão, no currículo oficial, da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Contudo, essa inserção em geral é pouco contextualizada e compreendida no bojo das relações estabelecidas na escola que manifestam a territorialização e-ou hierarquização de temas e saberes. Neste panorama, aos professores se impõe dificuldades para inserir no cotidiano das escolas sentidos e saberes sobre as africanidades para além dos de espectador. No bojo dessas muitas inquietações é que essa pesquisa foi desenvolvida. Seu objetivo primário foi compreender a congada catalana, os desafios e possibilidades para que sejam trabalhados nas escolas do município segundo a perspectiva de professores congadeiros. A metodologia consistiu na revisão da literatura que permitiu obter conhecimentos sobre o objeto e adentrar ao diálogo sobre o tema congadas e a análise das narrativas de professores-congadeiros acessadas por meio de entrevistas narrativas. A conclusão possibilita apontar que as congadas são ainda pouco consideradas em todo seu potencial e que professores-congadeiros possuem conhecimentos ricos sobre elas e apontam a necessidade de maior esforço dos profissionais de gestão-coordenação no sentido da inserção das congadas. A universidade se apresenta como lugar de produção de conhecimento e reconhecimento legítimos.

Palavras-chave: Congadas. Professores-congadeiros. Currículo. Narrativas.

ABSTRACT

The Brazilian schools have created a daily life inspired by the Eurocentric culture, which relegated to background or even no knowledge-recognition of AfroBrazilian culture. We consider as soon as the samba, capoeira, mungunzá and many other components of this culture assume the aspects of an “underground” Brazilian folkloric. The review of this scenario begins in 70’s through social movements, which with in means the dictatorship they led to a debate on the questions, which culminate in the enactment of the law 10639/03 which requires the inclusion in the official curriculum of the subject "Afro-Brazilian History and Culture". However, that insertion in general is poorly contextualized and poorly understood due to the relations established in the school which are the territorialization and-or hierarchy of themes and knowledge. In this panorama, teachers have difficulties to insert into the daily life of schools, senses and knowledge about the afro culture in addition to the spectator. In the context of these many concerns is that this study was developed. Its primary objective was to understand the catalan congada, challenges and possibilities in order to be showed in schools of the municipality according to the perspective of congadeiros lecturers. The methodology consisted of a review of the literature that allowed obtaining knowledge about the object and starting a dialogue on the subject and the analysis of the congadas narratives of congadeiros lecturers accessed through narrative interviews. The conclusion points out that the congadas are still less considered in all its potential and that congadeiros lecturers have a rich knowledge about them and point out the need for a greater effort management coming from the professionals-coordination in the sense of the congadas’ insertion. The University presents itself as a place of knowledge production and legitimate recognition

Keywords: Congadas. Congadeiros Lecturers. Curriculum. Narratives

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO UM: O CURRÍCULO, o movimento negro E A LEI 10639\03	21
1. Introdução	21
1.1. SOBRE O CURRÍCULO como elemento do processo educativo e como campo de conhecimento	21
1.2. O MOVIMENTO NEGRO E SUA AÇÃO SOBRE O CURRÍCULO	25
1.3. A LEI 10639\03	29
1.4. CONSIDERAÇÕES AO CAPÍTULO	31
CAPÍTULO DOIS: CONGADAS, CONGADA, CONGADO, TERNO DE CONGO? ..33	
Que universo é esse?	33
2. Introdução	33
2.1. CONGADAS	33
2.2. AS TRÊS VERSÕES DE BRANDÃO.....	38
2.3. APORTES AO ENTENDIMENTO DA CONGADA: CATALÃO E A FESTA	39
2.4. OS TERNOS DE CONGO CATALANOS.	40
2.5. GLOSSÁRIO BÁSICO	42
2.5.1. SIMBOLOGIA DA FESTA- momentos.	42
2.5.2. ACESSÓRIOS E INSTRUMENTOS	43
2.5.3. ESTRUTURA DA FESTA – tipos de componentes.....	47
2.5.4. CATEGORIAS DOS TERNOS	51
2.5.5. O desenrolar da festa	55
1.2.2 MUSICA E CORPOREIDADE: ELEMENTOS A PARTE	59
2.6. CONSIDERAÇÕES sobre O CAPÍTULO	61
CAPÍTULO TRÊS: PROFESSORES CONGADEIROS E SUAS NARRATIVAS SOBRE	
AS CONGADAS.....	63
3. Introdução	63

3.1. Os professores-congadeiros	63
3.2. A congada nas narrativas dos professores congadeiros	67
3.2.1. LEMBRANÇAS DOS TEMPOS DE ALUNO: CONGADAS DE CALENDÁRIO.....	68
3.2.2. REFLEXÕES DOS PROFESSORES CONGADEIROS SOBRE A CONGADA NA ESCOLA NOS TEMPOS DE HOJE	70
3.2.3. Possibilidades	73
3.2.4. Sobre as Congadas: significados	75
3.2.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
4. REFERÊNCIAS.	78

INTRODUÇÃO

Desde criança sou congadeira e faço parte da Irmandade de Nossa Senhora Do Rosário em Catalão-GO. Fui levada pelas mãos de meu pai, o senhor José Mario Manoel, um negro alto, forte, cabelos negros como a noite, dono de um olhar profundo que às vezes dava medo. Trabalhava muito, mas nunca deixava a diversão de lado. Dançador de congo do Catupé Amarelo, esperou que eu completasse 2 aninhos para que também fizesse parte desse terno de congo e continuasse uma tradição familiar, a qual começou com Dona Divina minha avó paterna. Seus amigos ajudavam a olhar a pequena dançadora de congo que ali iniciava uma caminhada que dura até hoje. Ao chegar na casa do capitão responsável pelo terno, ficava sob os cuidados das bandeirinhas mais velhas que eram responsáveis por conduzirem as mais novas.

Lembro-me como se fosse hoje, minha mãe, Nédia Moreira Manoel, passava minha farda e a de meu pai no sábado do levantamento dos mastros de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, um dia antes de dançar fardados. Penteava meus cabelos com delicadeza e me vestia com as cores do terno: camisa amarela, saia preta e faixa vermelha, calçada com meias pretas e tênis preto, não se esquecendo do pequeno chapéu de palha, o qual era encapado com tecido amarelo e enfeitado com lantejoulas coloridas. A blusa amarela e a faixa vermelha tenho guardada até hoje, pois minha mãe a guardou com muito carinho e, quando adulta, entregou me para que eu tomasse conta daquele pequeno tesouro.

Com o tempo, aprendi a cantar as músicas e a acompanhar os passos coreografados do terno e, a cada ano mais, meu amor por Nossa Senhora do Rosário aumentava.

Quando completei sete anos de idade, minha prima Leonidia, que dançou ao meu lado por cinco anos, morreu num acidente. A dor foi tão grande que não quis mais continuar participando daquele terno. Com isso, meu pai me levou para dançar congo no recém-criado Catupé Nossa Senhora do Rosário (Catupé Branco), porque também eu não queria parar de dançar. Neste último, participei por 15 anos, no mesmo processo, um dia antes do domingo da festa, passava a farda e deixava tudo pronto. À noite, nem dormia direito com medo de perder a hora: às 05:00 da madrugada já me encontrava de pé e com o coração batendo mais forte. Dessa vez a farda era camisa branca, saia preta, faixa vermelha, meia e tênis branco, o chapéu era diferente, era de crochê branco com uma fita vermelha e uma flor branca, tão engomado que ficava durinho, mas não podia de forma alguma ver água pois amolecia todo, o que causava grandes gargalhadas.

Algo marcante para mim é o momento da saída do terno, o apito do capitão ressoa e todos os dançadores vão para seus lugares nas filas, cada um sabe o que tem a fazer. O capitão começa uma oração para abençoar e proteger os que estão ali, nunca esquecendo dos familiares

e daqueles que foram dançadores e que não estão mais entre nós. Em seguida, continuam-se as orações e os capitães passam na testa de todos dançadores a “calunga”, um preparado de ervas feito por eles mesmos, para proteção e fechamento do corpo contra forças negativas - assim explica uma senhora idosa da irmandade. Abençoado e protegido, o capitão canta uma música para retirada do terno da casa, uma bandeirinha segura a bandeira para que todos os dançadores possam beijá-la e pedir sua proteção por mais um dia de louvor. A fila segue e toma as ruas da cidade.

Recordo-me que durante a infância, reuniam-se na porta de casa as crianças da rua e formávamos um terno de congo. A bandeira era feita de um cabo de vassoura e um pedaço de tecido qualquer que achávamos jogado no quintal de casa. Os meninos pegavam latas, baldes e pedaços de pau para completar o terno. Com este formado, começávamos a andar pelas ruas do bairro, dançávamos, cantávamos e fazíamos as visitas como os ternos de congo faziam. Ao chegar em casa, as meninas faziam a comida com a supervisão de adultos, para que o terno pudesse se alimentar e continuar com as visitas. Fazíamos igualzinho aos ternos oficiais, gostávamos de reproduzir o sentimento que a festa do Rosário causava em nós, isso se repetiu até atingirmos os 15 anos, pois julgamos que nessa idade seria vergonhoso brincar daquele jeito.

Embora, não saíamos nas ruas brincando como antigamente, em quase todas as festas de família, na qual se reúnem todos os parentes, nós ainda pegamos panelas e latas, sem nos esquecermos da bandeira, para dançarmos congo. A alegria é tão presente no rosto de cada um, que não conseguimos parar de dançar até que uma panela fosse amassada, daí se escutava de longe o grito da vovó, matriarca da família, “lá se vai mais uma panela”.

Para mim, as congadas representam uma maneira de acessar, fortalecer e perpetuar uma tradição familiar. Na minha família há vários integrantes que dançam em diferentes ternos de congo, como também há aqueles que vem de outras cidades para participarem da festa do Rosário em Catalão-GO.

Hoje refaço uma trajetória familiar como mãe, pois minhas filhas desde os dois anos também participavam da congada e gostam muito de estar entre familiares e amigos do congado. Estar com os amigos e familiares através das congadas é uma rara oportunidade de celebrar e manter vivo um pouco da história dos antepassados escravos, mas nem sempre pensei desta forma, uma vez que tive meus distanciamentos da congada. Quando cursava a faculdade senti vergonha de ser dançadora de congo e, então, parei de dançar. Pensei que, por estar com 22 anos, seria vergonhoso ainda ser bandeirinha. Outro fator que me levou a desanimar foi não compreender algumas práticas da congada.

Comecei, através do olhar das crianças, a perceber a alegria que a Festa do Rosário proporciona às pessoas. A congada tem o poder de reunir famílias e atrair visitantes para Catalão. Tal fato me instigou a querer conhecer mais sobre a história da festa, a entender melhor esta manifestação cultural, capaz de mobilizar uma cidade inteira. Apenas dançar por devoção à Nossa Senhora do Rosário não era mais suficiente, apesar de minha fé ser forte. Na época, procurei saber a história da congada com familiares, mas ninguém sabia ao certo o que contar, até que, durante uma oficina escolar sobre cultura, uma professora contou o mito do achamento da Santa do Rosário, e esta foi a única que ouvi durante anos. Mesmo assim, continuava ainda sem entender alguns hábitos. Desta forma, crescia em mim um sentimento de apartamento, de desconforto e vergonha. Sempre tinha medo que alguém da graduação me visse dançando. Parar de dançar foi uma decisão difícil, pois era algo que amava fazer.

Quando terminei a faculdade, estava grávida e, por isso, não pude voltar a dançar. De acordo com as regras da irmandade, as bandeirinhas devem ser virgens e na linha só dançavam homens. Assim, para dar continuidade à tradição familiar, coloquei minha filha no terno. Desta forma, eu poderia, também, acompanhá-lo.

Alguns anos mais tarde, as mulheres começaram a se inserirem nos ternos, não como bandeirinhas, mas como dançadoras da linha e foi neste momento que vi a oportunidade de voltar a fazer parte do terno de congo. Em 2012, recebi um convite de minha tia Aurora para dançar no terno que ela integrava. O convite foi aceito com alegria e, depois de nove anos, quando entrei na igreja fardada e olhei para Santa, a vontade de chorar foi imensa, não pude conter as lágrimas. Estar novamente ali, na condição de dançadora, foi uma emoção inexplicável. O coração acelerou, a respiração ficou ofegante e as pernas estremeeceram. Pensei que iria desmaiar de tanta alegria. Hoje, aos 37 anos de idade, sou dançadora do terno Moçambique Mamãe do Rosário e considero o terno parte fundamental da minha família. Todas as vezes que entro na igreja fardada a alegria é a mesma, senão maior do que a primeira vez.

Dançar e cantar no terno de congo é realmente viver a senzala, sentir as dores e alegrias daqueles que antecederam a mim. É como se o passado conversasse comigo, o passado que não foi o meu, mas que está em mim. Considero necessário refletir sobre esta história que não é só minha, mas de todos os afrodescendentes. Revivê-la ou reconta-la na congada me parece ser uma oportunidade inigualável, pois “a condição necessária para voltarmos a pensar em algo aparentemente é uma sequência de percepções pelas quais só poderemos passar de novo refazendo o mesmo caminho” (HALBWAACHS, 2003, p. 53).

Sou professora desde 2006 e nesta condição ou em consequência dessa identidade profissional, as congadas exigiram de mim uma outra elaboração, demandaram a constituição

de novos sentidos e significados. Sem isso, não encontrava meios para que pudessem extrapolar o terreiro da igreja, extrapolar o mês de outubro e entrar na escola ou no cotidiano do magistério.

O desafio de lecionar sobre cultura africana ou afro-brasileira para alunos do ensino fundamental I, em cumprimento da lei 10639/03, foi o que promoveu esse insight. A lei em questão, que insere nos sistemas de ensino municipal, estadual e federal a inclusão do estudo da cultura e história africana e afro-brasileira no ensino da educação básica, tem se tornado uma preocupação a muitos professores e gestores, pois auxilia discentes e docentes a perceber as contribuições do povo negro na economia, sociedade e política no Brasil e suas reais contribuições para a construção da nação brasileira (ADAMI, 2007). Entretanto, tais professores estão despreparados para trabalhar o assunto em sala de aula, fazendo com que a história do povo negro fique restrita ao dia 20 de novembro, no qual é comemorado o dia da Consciência Negra.

Logo de início, pensei em trabalhar a congada ao considerar que ser congadeira me garantiria alguma vantagem no cumprimento da lei. Percebi que a realidade não era essa quando comecei a esboçar um plano de aula e constatar que, na verdade, sabia bem pouco sobre esta. Esse fato, levou-me a buscar, no ambiente da pesquisa, alguma obra sobre as congadas, porém me deparei com uma escassez de material sobre o tema. Há poucas produções e a referência mais citada ainda é a obra de Brandão, a qual descreve a festa do Rosário em Catalão-GO de 1975. Contudo, a festa sofreu algumas modificações com tempo, por exemplo, naquela época as mulheres dançavam somente como bandeirinhas ou juízas, hoje, temos até um terno de congo formado somente por mulheres. Outra obra que relata a história da congada catalana é o livro *Congadas de Catalão* (2008), no qual os autores reúnem vários artigos sobre a congada em uma obra.

Também pejejei para definir a metodologia das aulas, porque não havia material que me fornecesse suporte. Busquei histórias na internet, fotografias e depoimentos para compreender aquilo que já era para ter conhecido, mas que não houve oportunidade ou interesse da minha parte em procurar. Questiono se foi um desafio para os outros professores, que não são negros, nem congadeiros ou que pelo menos não tem acesso a informações como eu tive, assim como foi para mim. “Devemos nos perguntar até que ponto a criação dessa lei e sua implementação nas escolas tem o respaldo das políticas educacionais que regem a educação no Brasil quando se trata de dar suporte aos professores” (ADAMI, 2007).

Ministrei estas aulas para cinco turmas do ensino fundamental I, de uma escola da rede particular de Catalão-GO. Comecei as aulas com fotos da congada e perguntei aos alunos se reconheciam aquelas imagens. Todos disseram que as imagens eram referentes congada. Antes

que fizesse a próxima pergunta, uns foram dizendo: “tia eu danço congo”, outros disseram que toda época da festa eles viajam porque os pais não gostam desta, outros, que gostam só das barracas. Perguntei se sabiam da história da congada e o silêncio foi geral. Não me foi estranho este silêncio, pois se uma boa parte da vida nem eu sabia, como pensar que aquelas crianças tinham conhecimento de algo assim. Levei a história que havia retirado da internet e comecei a contar, fazendo caras e bocas para que os alunos entendessem o que havia se passado em Catalão há muitos anos. Era de se admirar a atenção dos alunos, que com olhos e ouvidos me acompanhavam e, no final, alguns até queriam encenar os movimentos dos protagonistas da história. Mostrei algumas fotos do meu arquivo pessoal, e estes ficaram surpresos quando disse que dançava congo. Neste momento, queriam saber em qual terno dançava, qual instrumento tocava, qual roupa vestia e, assim, muitas outras perguntas se formaram. Ao final, pedi uma redação do que aprenderam e um desenho da festa da maneira como a viam. Os alunos se envolveram com a atividade e foi tudo muito prazeroso de se trabalhar, até com aqueles que viajavam na época da festa. Notei que consegui envolver a maioria dos alunos e muitos destes se identificaram com o conteúdo por serem, também, dançadores de congo. A partir desta experiência, comecei a fazer questionamentos sobre a lei e sobre como os professores a efetivavam em sua prática. A problematização inicial do objeto-congadas se sustenta na busca de um olhar mais rigoroso sobre esta relação entre congadas e professores-congadeiros.

Sobre a congada, é possível compreendê-la enquanto uma manifestação cultural e religiosa de influência africana, a qual mescla cultos católicos com africanos. As primeiras manifestações remontam ao século XVII, e sua origem remete-se às irmandades católicas de escravos e libertos congregados ao redor dos “santos de pretos”. Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia são os principais.

A congada é um exemplo de festividade produzida do encontro do catolicismo com a cultura africana, tendo como efeito uma homogeneização dos padrões, já que, como Hoonart (1974) explicita, “as formas tinham que ser católicas a todo custo”. Bem verdade que, em conteúdo, é possível, em alguns momentos, deixar de perceber qualquer relance de catolicismo nas congadas quando, por exemplo, se ouve pontos de umbanda: “Ogum olha sua bandeira, ela é branca verde e encarnada, ôoo ogum nos campos de batalha, ele venceu a guerra, para salvar seus filhos...” ou músicas que não tem a ver com religião, mas uma forma de brincadeira como “o marreco chora, chora na lagoa, chora a vida dele, mais que vida boa, durante os cortejos dos ternos. Mas isso também já havia sido destacado por Hoonart (1974, p. 16-17), quando este salienta que “quanto ao conteúdo dado as formas, este escapou a-o que parece o olhar do santo ofício. Esse condicionamento facilitou a formação de numerosos sincretismos dentro do quadro geral das formulas católicas”.

Sobre o modo como a igreja captou ou assimilou a cultura dos escravos, encontrei explicação a partir da obra de Gilberto Freyre, que em sua análise da cultura católica, conforme expõe Lucas (2015), a definia como uma “religião plástica e flexível, fácil de se assimilar”. É neste sentido que a miscigenação teria sido “a solução para a ocupação dos trópicos pelos europeus e que essa miscigenação só se deu por causa da plasticidade da cultura luso-católica”. Tal miscigenação é perceptível na ação das irmandades de pretos, que tinham por costume organizar festas em louvor aos seus santos católicos específicos, realizar a coroação de uma corte, geralmente negra, e passar, assim, a integrar o calendário festivo local e obter autorização das autoridades temporais para a realização de suas festas em espaço público, por onde passavam seus “memoráveis cortejos”.

A presença dos negros em Catalão, neste período (século XIX), não foi objeto da pesquisa, porém Campos (1976, p. 31), em seu livro “Catalão Estudo Histórico e Geográfico”, informa que a bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva, em 1722, composta de um cabo e de um imediato e mais 152 homens de armas, dá pistas da presença deles aqui. Segundo o autor, a tropa se compunha de portugueses, paulistas, um baiano e a maior parte de gente de cor e índios.

O estudo de Barros (2013, p. 32) buscou essa estatística, mostrou que a maioria da população livre do Estado de Goiás no século XIX era mestiça, e nesta há habitantes podem ser incluídos na categoria “negro”, segundo a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Borges (2008), em publicação sobre as congadas de Catalão, apresenta o dado de que neste município a população negra em 1862 era de 696 pessoas entre homens e mulheres, os quais só apareciam nos registros porque o presidente deveria informar à assembleia legislativa o número de escravos de cada cidade. Em 1873, interessados no incentivo financeiros que o fundo de emancipação¹ oferecia para libertação de escravos, o número da população negra em Catalão era de 1.058 pessoas. O autor também explica que os registros só trazem a presença dos negros quando estes eram envolvidos em assassinatos ou contados no censo populacional (BORGES, 2008, p. 117). Aos poucos vão sendo recuperadas, pela história, as formas de resistência do negro no município de Catalão e a festa de Nossa Senhora do Rosário se configura como uma delas.

A escravidão é um capítulo da história do Brasil que nenhum negro ou afrodescendente vai deixar de recordar, suas consequências não podem ser ignoradas, pois estão presentes na

¹ Com a implementação da lei do ventre livre, foi criado o fundo de emancipação, o qual era o dinheiro arrecadado para libertação de escravos em todo Império e dividido em cotas para cada Província e depois para as cidades.

vida de cada negro. Embora se consiga alguns benefícios com a luta do Movimento Negro, as ações afirmativas, muitos dos negros e afrodescendentes não se sentem pertencentes a cultura negra, não querem ser negros, não reconhecem sua identidade negra pois historicamente essa construção identitária foi resumida a fatos que se baseavam na escravidão, não tendo o negro outra participação na sociedade a não a condição de escravo e desfazer esse conceito é tarefa difícil de ser executada. Conforme GOMES (2003),

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros. (Pg.171)

Contudo, o que dá um pouco de pertencimento a cultura afro em Catalão é a participação nas congadas. Ali tudo parece dar lugar a uma família, as histórias dos negros contadas pelos mais velhos, suas lutas para manter essa tradição, outrora alguém dizia “nós bandeirinha íamos de porta em porta com um pratinho esmaltado pedir ajuda para construção da igreja do Rosário”.

Na congada somos iguais, sem discriminação de quem está participando, independentemente de ser branco ou negro, fazendo com que aquele ambiente se torne agradável e tenha cada vez mais pessoas querendo participar.

Retorno ao objeto da pesquisa, as congadas. O que instigou a pesquisa foi a percepção da dificuldade de percebê-la como elemento a ser inserido no currículo, o qual é, para muitos, o território sagrado da educação. Ao longo do tempo, a escola passa por algumas alterações no perfil dos professores, nos uniformes e até mesmo nos instrumentos de avaliação, porém o currículo segue quase a mesma trajetória. Ainda que existam as reformas das bases curriculares, as alterações se consolidam em vagar, em morosidade, em clara manifestação de como há uma territorialidade nos conteúdos alinhada a influência de certos grupos sociais.

Os professores são os agentes que efetivam o currículo tal qual proposto, mas a transformação da proposta em realidade exige deles a autonomia e o domínio didático, o qual responde a questões tais como “Qual o objetivo?” e “Qual a melhor metodologia para este tema aula?”. Em relação ao que tange aos temas de matriz africana, como a congada, o que percebo é a necessidade de criação de novos caminhos advindos de outras leituras da história. É essencial, por isso, que a escola considere como motivação aquilo que sugere Arroyo (2011, p.115):

A motivação é simples: trazer as vivências de educandos e educadores, e suas experiências sociais como objeto de pesquisa, de atenção, de análise e de indagação. Os conceitos abstratos aparecem distantes das vivências concretas, se tornam estranhos, sem motivação. Logo, criar estratégias para trazer aos processos de aprendizagem, as vivências

personais e as experiências sociais são instigantes na dinâmica política, cultural, que interrogam seu pensar e seu viver.

Ainda que a lei exija que ele “ensine” a cultura africana, o professor desiste ou a descarta ao prever dificuldades de toda ordem. Sobre essas dificuldades, o trabalho de Adami (2007) contribuiu ao sinalizar que os professores não receberam em sua formação um preparo especial para o ensino da cultura africana e suas reais influências para a formação da identidade do nosso país. Essa ausência faz com que entrem em conflito quanto a melhor maneira de trabalhar essa temática na escola. Para Adami, este ponto pode ser um dos obstáculos estabelecidos com a lei 9.394/96, a qual estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, mas não menciona, em nenhum de seus artigos, cursos de capacitação voltados à preparação de professores na área.

Na intersecção entre a história da pesquisadora, a literatura sobre a congada e as produções que tratam das dificuldades dos professores para efetivação da lei 10639\03, foram se impondo as justificativas para a realização da pesquisa que origina esta dissertação. Primeiro, o apelo nascido do retrospecto pessoal da pesquisadora. Há, sem dúvida, um apego ao objeto, o qual é a congada, bem como um interesse particular pela compreensão da congada e pela socialização outra de seus significados e historicidade. Há também a justificativa que nasce da pedagoga de formação (negra e congadeira), a qual acredita que investir nesse tipo de pesquisa é um exercício de pensar e repensar essas inserções na educação e no movimento popular enquanto valores e sentidos que são construídos tanto na identidade pessoal e quanto na escolha profissional, no qual o desenvolvimento profissional docente pressupõe um processo de evolução e continuidade.

Há também uma demanda proveniente de outros educadores e da pesquisa em educação para compreendê-la, não apenas pela importância das congadas na cultura local, mas pelo debate que ainda é efervescente sobre o ensino da cultura africana nas escolas de educação básica, que segue sendo respaldado na lei 10639/03, criada para que a história cultural africana fosse incluída no currículo escolar, a fim de abordar questões étnico culturais.

A dissertação ora apresentada, alinhada aos que defendem a lei e lutam por sua plena efetivação, externaliza a posição de que o ensino da história africana é necessário para garantir uma ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas. Buscar nos professores congadeiros uma brecha para esse processo, ecoa o que Gomes (2002) defende: os professores exercem um papel importante no processo da luta contra o preconceito e a discriminação racial no Brasil, no sentido de formar pessoas capazes de respeitar o outro, convivendo com suas diferenças. A autora afirma que é a falta de conhecimento da lei e o despreparo do professor

para abordar assuntos sobre cultura africana, alguns dos maiores desafios a essa luta. Uma afirmação da autora em especial pode ser aqui inserida. Gomes (2002, p. 40) escreve que:

Um dos caminhos para a ampliação do estudo da questão racial no campo da educação, na tentativa de compreender a sua relação com o universo simbólico, pode ser a construção de um olhar mais alargado sobre a educação como processo de humanização, que inclua e incorpore os processos educativos não-escolares.

Algumas perguntas ajudaram no ajustamento do foco da pesquisa. Entre elas: Como as congadas de Catalão se constituem historicamente? Como as Congadas são “lidas” e “interpretadas” pelos professores congadeiros de Catalão? Como as congadas podem ser pensadas a partir da discussão sobre currículo e cultura? Como ela tem sido problematizada nas escolas? Quais possibilidades elas teriam como conteúdo de ensino ou temas geradores na visão dos professores-congadeiros?

Na tentativa de sintetizar e objetivar tantas indagações, trabalhei com uma questão central: Como a Congada se apresenta na perspectiva dos professores-congadeiros de Catalão?

Circundando esta questão, foi traçado o objetivo primário da pesquisa, o qual foi compreender a congada catalana e os desafios e possibilidades para que esta seja trabalhada nas escolas do município segundo a perspectiva de professores congadeiros.

Na perseguição do objetivo geral, alguns objetivos secundários foram determinados:

1. Tecer algumas considerações geminais sobre o currículo como dimensão da educação e como campo de pesquisa, já que é por ele que se buscou fundamentar a dimensão analítica sobre a congada;
2. Apresentar em detalhes as congadas como manifestação cultural produzida e influenciada historicamente;
3. Apresentar os professores-congadeiros e suas narrativas sobre as à luz da Lei 10639\03. Com estes guias, a metodologia pode ser planejada.

Foi constituído um grupo de quatro (4) professores da Irmandade do Rosário, professores que estão envolvidos com os ternos de congos. Embora a congada tenha forte impacto nas festividades de Nossa Senhora do Rosário, realizadas em Catalão-GO durante o mês de outubro, estes professores-congadeiros vivem essa cultura popular de modo permanente e contínuo, haja vista o envolvimento em atividades distintas ao longo do ano. Desse modo, ser congadeiro (a) não se resume aos ensaios e apresentações festivas em um mês do ano. É uma condição de pertencimento aos costumes, aos valores, à expressão de fé, às devoções.

O recurso metodológico de acesso aos dados foi a realização de entrevistas narrativas. A escolha se apoiou na consideração de que as narrativas permitem captar sentidos, juízos, valores, explicações, etc. “Pela narrativa, os homens tornam-se os próprios personagens de suas vidas e dão a elas uma história” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.39). São escolhas que alocam a pesquisa na dimensão metodológica da pesquisa biográfica-narrativa que, conforme Halbwachs (2003), permite captar a riqueza de detalhes a partir de um número enorme de lembranças.

Ao seguir esta linha de pensamento, afiancei a ideia de que a congada, mesmo no passado, é revisitada a todo momento pela memória através da evocação dos cantos entoados e do modo de vestir. Também admiti que falar sobre ela poderia ser uma maneira de comprovar o pertencimento àquela cultura ou mesmo de reestabelecer historicamente aquilo que foi tirado dos negros, que é a liberdade ou chance de contarem sua cultura. E como se conhecêssemos a história pela outra face, aquela que foi oprimida e silenciada pela sociedade eurocêntrica.

Delory-Momberger (2012, p. 36) advoga que “através da narrativa, aprende-se a analisar a realidade, a organizar e a compreender o mundo no qual se vive, tanto o mundo natural quanto o mundo social”.

Diante do exposto, investigar as congadas a partir das narrativas dos professores congadeiros é uma forma de refletir como a cultura africana o personaliza, como afeta seu desenvolvimento profissional e como é pensada no sentido da inserção do debate na sala de aula. Além das entrevistas narrativas, foram buscadas outras fontes, como fotografias e imagens, para composição de uma massa documental da pesquisa.

As escolhas se cercaram de cuidados para que o objeto fosse considerado em sua complexidade e a realização de uma pesquisa chegasse ao fim no interstício do mestrado, no qual dois movimentos fazem-se necessários e articulam-se: a revisão da literatura que permite obter conhecimentos sobre o objeto e a realização de uma pesquisa de campo que oportunizasse acessar o “pensamento dos professores” (GARCIA, 1987) sobre as congadas. Neste caso, professores–congadeiros.

Para revisão da literatura, realizamos a circunscrição de textos a partir: a) das produções da Associação Nacional de Pesquisa em Educação- ANPED, especialmente no GT de Educação e relações étnico-raciais entre os anos de 2002 (ano anterior a promulgação da 10639) e 2016

(Contribuições mais recentes) e b) base de dados Scielo no mesmo período. Os descritores a princípio serão Congadas, cultura africana e educação, Lei 10639/03. Nesta atividade de revisão literária, alguns autores se destacaram como referências recorrentes, como Eduardo Hoornaert, Nilma Lino Gomes, Luiz Carlos do Carmo & Marcelo Rodrigues Mendonça, Humberto Adami, Munanga e Carlos Rodrigues Brandão e outros.

A pesquisa de campo aconteceu entre os meses de setembro e outubro de 2017. As entrevistas foram realizadas em locais escolhidos pelos entrevistados, lugares que estes se sentiram mais confortáveis para narrar suas experiências com a congada, a escola e a história da cultura africana e afro-brasileira.

As narrativas foram textualizadas e a análise final dos dados procedeu conforme as orientações de Bardin (1977), portanto, amparada na análise do conteúdo. A autora ressalta a importância do rigor da utilização da análise de conteúdo, a necessidade de ultrapassar as incertezas e descobrir o que questionado. As categorias oriundas dessa fase permearam a escrita do terceiro capítulo e orientaram o retorno à literatura.

A conclusão da pesquisa permite afiançar que: a) a congada é manifestação riquíssima e isso deveria por si só elevá-la a condição de tema gerador nas escolas; b) a congada ainda é uma manifestação cultural afro-brasileira profundamente desconhecida, o que evidencia o caráter de marginalidade com a qual é tratada; c) professores congadeiros possuem profundo conhecimento sobre a congada, acessado, sobretudo, na vivência dela ao longo dos anos e também tem se mostrado produtores de saberes legitimados no âmbito da academia de modo que poderiam ser convidados a fortalecer o debate nas escolas; d) professores congadeiros refletem o que a literatura revela e que mostra que a Lei 10639/03 não tem chegado aos docentes e d) profissionais gestores e coordenadores da educação no município deveriam pautar as congadas, já que aos professores de modo individual, ela se torna algo inconstante e pouco reconhecido.

CAPÍTULO UM

O CURRÍCULO, O MOVIMENTO NEGRO E A LEI 10639\03

1. INTRODUÇÃO

1.1. SOBRE O CURRÍCULO COMO ELEMENTO DO PROCESSO EDUCATIVO E COMO CAMPO DE CONHECIMENTO

A discussão sobre o que ensinar nas instituições escolares gira em torno do currículo e dos conteúdos que são escolhidos para serem elaborados e aplicados nas escolas.

A palavra currículo vem do latim “currere”, que se refere a carreira, percurso realizado. Sabe-se que escolaridade é o percurso que cada aluno realiza e o currículo é o seu recheio, seu conteúdo e o guia de seu progresso (SACRISTÁN, 1998). O conceito de currículo é bastante elástico; poderia ser qualificado de impreciso porque pode significar coisas distintas, para pessoas e para correntes de pensamentos diferentes.

Com o surgimento da escolarização em massa, fez-se necessário organizar o currículo para padronizar o conhecimento a ser ensinado e, assim, as exigências dos conteúdos passam a ser as mesmas para todos.

A escola vem se modificando no decorrer dos anos, acompanhando os avanços e necessidades da sociedade, mudanças que também dizem respeito ao acesso da população brasileira ao ensino público. Com essas transformações, a questão da melhoria do ensino é abordada por vários educadores, filósofos e sociólogos, os quais têm como preocupação o processo educativo e a efetivação da escola como espaço democrático e cultural. Nestes termos, há uma preocupação com o currículo e a pergunta “o que ensinar?” volta ao debate educacional.

Como campo de conhecimento ou área de pesquisa, foi no início do século XX que o currículo se separou da avaliação e do planejamento e passou a compor um campo importante de estudo ligado a área da pedagogia. A partir disso, vários autores começaram a desenvolver teorias sobre o currículo, como Arroyo (2011), Goodson (1997), Young (2014) e Gimeno Sacristán (1998), os quais são reconhecidos como referências na área.

A própria história do currículo como tema de pesquisa é preciosa ao recuperar e refletir sobre o processo de seleção dos conteúdos e os modos como essa seleção se operacionaliza.

Para Goodson (1997, p. 9-10):

[...] é importante que a história do currículo nos ajude a ver o conhecimento escolar como um artefato social e histórico sujeito a mudanças e flutuações, e

não como uma realidade fixa e atemporal. Por outro lado, é necessário reconhecer que o objetivo central da história do currículo não é descrever como se estruturava o conhecimento escolar no passado, mas antes compreender como é que uma determinada -construção social- foi trazida até ao presente influenciando as nossas práticas e concepções do ensino.

No avançar da pesquisa, algumas teorias foram sendo estabelecidas para pensar o Currículo. De acordo com Silva (2003) as principais são a teoria tradicional, a teoria crítica e a teoria pós-crítica.

1. A Teoria Tradicional:

Também conhecida como teoria técnica, esta teoria associa as disciplinas curriculares a uma questão mecânica e a constituição do currículo tem por finalidade garantir que o indivíduo adquira habilidades intelectuais através de práticas de memorização. O objetivo da educação é transmitir o conteúdo para preparar mão de obra para o mercado de trabalho.

2. A Teoria Crítica:

Baseada no marxismo, esta teoria vê a sociedade capitalista com desconfiança e reconhece a luta de classes no interior desta. Avalia que, pelo currículo, a ideologia dominante transmite seus princípios por meio das disciplinas.

3. Teoria Pós- Crítica

Na Teoria pós-crítica, o olhar se desloca para a formação de identidades e subjetividades. O multiculturalismo é o centro das atenções desta teoria, a qual critica a desvalorização do desenvolvimento da cultura e história de alguns grupos étnicos.

Predomina na escola a organização do fazer escolar que segue as orientações baseadas nas teorias tradicionais do currículo. Assim, a escola que a sociedade criou mantém-se na lógica de coibir mudanças que possam alterar a ordem dominante. Para Young (2014, p. 194), há na escola moderna um caráter normativo ao dizer que:

Há dois significados quando se diz que a teoria do currículo tem um papel normativo. Um deles refere-se às regras (ou normas) que orientam a elaboração e a prática do currículo; o outro refere-se ao fato de que a educação sempre implica valores morais sobre uma boa pessoa e uma “boa sociedade” – em outras palavras, para que estamos educando?

A pergunta feita pelo autor indica que os dilemas do currículo impactam diretamente a prática pedagógica exercida nas escolas, na medida em que valores e normativas estão na base

ideológica da docência. Cada escola, ao optar consciente ou inconscientemente por seguir uma teoria do currículo, assume a intenção por um tipo de aluno a formar.

Sacristán (1998), com sua obra “Compreender e Transformar o Ensino”, aprofunda as questões do debate ao apresentar a outra perspectiva sobre o currículo, o qual compreende como motor de transformação. Em sua visão, o currículo é uma construção social e está vinculado a um momento histórico, à determinada sociedade e às relações com o conhecimento. É Sacristán que direciona a discussão para a complexidade da efetivação do currículo na escola, pois sem conteúdo não há ensino. O autor explicita que um dos problemas enfrentados pelos professores nas escolas é que os conteúdos a serem aplicados em sala de aula são elaborados e selecionados fora das instituições escolares e o que fica para este professor é o como ensinar, como aplicar aquele conteúdo que já vem pronto. Nessa perspectiva, Sacristán (1998, p. 153) afirma que:

Uma dificuldade no sentido de organizar os conteúdos difusos e ampliados do currículo e atribuir responsabilidades aos professores/as está em que esses novos significados do conteúdo não se encaixam com facilidades nas áreas ou disciplinas nas quais tradicionalmente se distribui o currículo e nas consequentes especialidades do professorado, depois do ensino fundamental e mesmo dentro deste.

No Brasil, o pensamento de Sacristán (1998) recebe reforço de autores como Arroyo, que em sua obra “Currículo, Território em Disputa” (2011) reflete sobre o currículo pressupondo-o como território de poder. Em certo trecho, ressalta que o currículo assume um caráter de ser irretocável. Em suas palavras, “quando o currículo, os conteúdos, a sua transmissão e aprendizagem viram um território e um ritual sagrado, tudo fica intocável” (ARROYO, 2011, p. 46). Em síntese, o que está sendo ensinado na escola são conteúdos que já vem elaborados nos currículos e estes são elaborados de acordo com os interesses da classe dominante.

Na perspectiva em que estão Arroyo, Gomes outros autores, fortalece a defesa de que os conteúdos deveriam abordar cultura, conceitos, valores, princípios, habilidade, leis, regras dentre outras habilidades, no qual o educando se torna capaz de viver em sociedade, tomar decisões, ser conhecedor das leis e da sua cultura para um viver bem.

Arroyo (2011) sintetiza sua posição ao defender que:

A transformação é urgente pois há muito tempo a escola se concentra em ensinar aos alunos as competências básicas da matemática, da escrita e da leitura e elas são fundamentais de fato. Mas já não são suficientes já que é preciso fazer com que os indivíduos menos favorecidos participem mais ativamente da construção de uma sociedade onde os bens materiais e culturais não sejam privilégio de alguns. A escola deveria promover a reconstrução crítica do pensamento e da ação. Apostar nas vivências dos grupos e da coletividade escolar, “abrir espaços pedagógicos para que seus coletivos

as mostrem e se mostrem sujeito de história é uma forma de disputa desses coletivos por presença nos currículos como sujeitos de histórias-memórias. Luta de sujeitos sociais pelo direito à memória”.

Arroyo, ao propor a transformação, não o faz de forma utópica, pois não desconsidera as dificuldades que envolvem essa decisão, nem mesmo aquelas que precarizam o trabalho docente. Apesar de tantas barreiras, ele expõe que deixar de lado a realidade e sua crítica é permitir que os alunos perpetuem processos de ensino-aprendizado “atolados no caos social”, uma lógica cuja marca é a precarização. Nessa reflexão ele afirma que:

Quando as infâncias-adolescências com que trabalhamos põem de manifesto sua condição humana tão precarizada não dá mais para preparar a aula, ou passar a matéria sem nos indagar acerca de suas vivências, traumas, medos, incertezas que levam como gente, não só como escolares. O que a turma traz para a sala de aula, como vivem e se socializam, pensam e aprendem, aceitam ou rejeitam nossas lições. Chegar à escola, às salas de aula, aos processos de ensino-aprendizagem atolados no caos social, marca inevitavelmente o aprender ou rejeitar as interpretações do real que como ensinantes lhes passamos. Marca nossa docência. Diante do viver dos educandos fica mais exposta a precarização do nosso trabalho. (ARROYO, 1998, p. 28)

Em qualquer perspectiva teórica que se tenha sobre o currículo, o fato é que os desafios colocados à compreensão da escola exigem dele, enquanto campo, uma abertura maior ou menor para um diálogo com estudos e teorizações de outros campos e com as transformações ocorridas nos últimos anos. A evolução tecnológica e a pressão de movimentos sociais também agem tornando o currículo palco de embates e constantes reflexões entre todos que constituem a escola no Brasil. Cercados por vários problemas sociais, os gestores pensam em muitas formas de combater a violência, a intolerância étnico-racial, de gênero e de orientação sexual. Há uma relação direta entre cotidiano, currículo e práticas educativas.

Goodson (1997) nos permite refletir sobre como o currículo atua ou influi, inclusive na questão metodológica do processo educativo nas escolas, ao defender que é importante avançar no sentido de examinar a relação entre o conteúdo e a forma da disciplina escolar e de analisar as questões da prática e dos processos escolares. Por outro lado, é fundamental explorar as noções de currículo numa acepção ampla, concedendo uma atenção particular ao currículo pré-escolar e primário. Para falar de currículo, deve-se primeiro entender que este não é só conteúdo e disciplinas, mas abrange tudo o que acontece na escola, dentro e fora da sala de aula, e organiza o contexto institucional da mesma.

Pensar no objeto de nossa pesquisa a partir do que vimos a respeito do currículo, torna claro que ele deve ser pensado na consideração das relações sociais, que estabelecidas prioritariamente entre grupos, ordenam valores e ideologias na educação. Nestes termos é que seguimos agora pelo exercício de compreender o movimento negro, pois, ao ser portador das

demandas de grande parte de nossa população, estabelecem relação com o currículo, desde o momento em que exigem terem contempladas suas pautas através das políticas educacionais. É pelo movimento negro que também podemos iniciar o entendimento do contexto histórico de nosso tempo, o qual projeta a cultura africana como elemento-conteúdo essencial. É uma maneira de compreendermos de onde vem a transformação.

1.2. O MOVIMENTO NEGRO E SUA AÇÃO SOBRE O CURRÍCULO

Um trecho de Hoonart (1974) retirado da obra “Formação do Catolicismo Brasileiro 1500-1800”, serve de instrumento para trazer elementos da história dos negros e enveredarmos depois, pelo movimento negro no Brasil. Ele narra as condições em que eram submetidos devido ao modelo de produção:

Trazidos para o Brasil pelos portugueses na primeira metade do século XVI, mulheres e homens negros africanos, foram forçados a deixarem suas colônias, seu país de origem para servirem de mão-de-obra escrava nos engenhos de açúcar. Em condições desumanas estes escravos vinham amontoados nos porões dos navios que faziam o transporte da África para o Brasil. Quando chegavam ao seu destino, eram separados do seu grupo linguístico e cultural africano e misturados com outros de tribos diversas para não se comunicarem. Trabalhavam muito até quase se desfalecerem e sua alimentação era ruim. Para completar o calvário que os negros africanos eram submetidos, estes eram colocados nas senzalas para dormirem acorrentados uns aos outros (HOORNAERT, 1974, p. 13)

O mesmo autor explicita que a igreja foi o agente que retirou dos negros a possibilidade de manterem a(s) própria(s) religiões ao impor-lhes o catolicismo. Prossegue ressaltando que:

Os escravos sofriam com o trabalho pesado, a má alimentação, as punições que feitores aplicavam e como se já não tivessem arrancado tudo, ainda não podiam praticar sua religião de origem africana, seus rituais, sendo obrigados a praticar a religião católica imposta pelos senhores de engenho, [...] o catolicismo brasileiro assumiu nos primeiros séculos de sua formação histórica um caráter obrigatório (HOORNAERT, p. 13, 1974.).

As marcas deixadas ao longo da escravidão, que no Brasil durou mais de trezentos, não desapareceram com a assinatura da Lei Áurea em 13 de maio de 1888 pela princesa Isabel, a qual extinguiu a escravidão no país. Após vários anos da abolição da escravatura, os negros e seus descendentes carregam consigo esse passado de sofrimento, luta, discriminação e inferiorização de sua etnia. Apesar dessa situação, o negro não aceitou passivamente essa situação. Na luta pela cidadania muito sangue foi derramado (MUNANGA & GOMES, 2006).

Porém, mesmo vivendo em tais níveis de cerceamento, os negros reagiam a essa situação, inclusive antes que a abolição fosse decretada. As revoltas aconteciam nos engenhos e vários negros fugiam para a mata e formavam os quilombos, onde reconstituíam a forma social, política e cultural que tinham na África, de modo que também exerciam nestes lugares seus rituais religiosos.

Depois da abolição da escravatura, a maioria dos negros passaram por grandes dificuldades, pois não tinham moradia e nem assistência do Estado. Não conseguiam empregos para se sustentarem e passaram os anos subsequentes a abolição da escravatura buscando sobrevivência.

Gomes (2005, p. 95) registra como os negros, após a abolição, buscavam se inserir na dimensão da educação e o faziam sem qualquer participação do Estado. Ela cita que:

jornais publicados por entidades negras no início do século XX, direcionados para a população negra, possuíam informações sobre a existência de escolas mantidas por entidades negras sem qualquer participação do Estado. Tratava-se, segundo ela, de uma preocupação central de entidades negras, a educação para sua etnia.

Sobre a alfabetização Gomes (2005, p. 95) conta que:

A alfabetização de adultos era uma preocupação constante das entidades negras da época. Vários artigos e publicações dos clubes e associações negras do início do século passado indicavam a necessidade de políticas públicas de educação voltadas para o povo negro e a importância do domínio tanto dos adultos quanto das crianças do ato de ler, escrever e contar. Alguns ensinavam à população como proceder para se matricular nos cursos e davam conselho no sentido de que se abrisse mão das horas de lazer para se dedicar ao estudo.

Esses registros comprovam, de outro modo, o que Munanga & Gomes (2016, p. 107) assinalam ao afirmarem que “o fato de serem libertados por força da lei não garantia aos negros os mesmos direitos de fato e todas as oportunidades dadas aos brancos em nosso país, sobretudo, às camadas mais ricas da população”.

Dentre os movimentos que se destacam nessa luta contra a discriminação racial, de acordo com Munanga & Gomes (2016), estão:

- A revolta da chibata, na qual negros se opuseram ao modo como eram tratados na marinha brasileira no início do século XX;
- A Frente Negra Brasileira, a qual surge a partir da ação de militantes negros paulistas pós-abolição, com intenções de se tornar uma articulação nacional;

- O Teatro Experimental do Negro (TEN), cujo projeto pedagógico destacava a educação como forma de garantir a cidadania para o povo negro e que tinha a arte e o teatro como instrumentos de expressão cultural e política;
- O Movimento das Mulheres Negras, que destaca a articulação entre raça e gênero dentro das relações étnicos/raciais na sociedade brasileira.

A revolta da chibata, um movimento contra os maus tratos aos marinheiros negros do Brasil, foi liderada pelo marinheiro João Cândido e durou cinco dias. Aconteceu quando os marinheiros negros tomaram conta de navios poderosos da esquadra brasileira para reivindicarem melhores condições de trabalho, o fim de castigos físicos e melhores salários, pois já havia se passado a abolição da escravatura e, mesmo assim, estes marinheiros ainda eram tratados como escravos e eram açoitados como no tempo do cativo. (MAESTRI, 2010, p. 25)

A luta começou e vários negros morreram, porém conseguiu-se, com a revolta, a abolição das chibatadas como castigo e a anistia para os revoltosos. Entretanto, desconsiderando a anistia o governo, assinou-se um decreto expulsando os marujos, cuja presença era julgada inconveniente por seus superiores. Isso resultou em dezenas de expulsões e várias prisões de participantes da revolta. (MUNANGA & GOMES, 2016, p. 112)

A Frente Negra Brasileira, organização criada em São Paulo em 1931 com o propósito de afirmar os direitos históricos e reivindicar os direitos sociais e políticos da população negra do país, também representava um motivo para encontros recreativos, políticos e educacionais, chegando a criar escolas para alfabetização de crianças, jovens e adultos. A Frente Negra Brasileira ofereceu à população negra marginalizada, possibilidades de organização, educação e ajudou os negros no combate à discriminação racial. (MUNANGA & GOMES, 2016, p. 120)

Em 1944, no Rio de Janeiro, surge o Teatro Experimental do Negro (TEN), o qual tinha por objetivo abrir as portas das artes cênicas brasileiras para os atores e atrizes negras. Seu outro propósito era a libertação cultural do povo negro. Além das atuações teatrais, o TNE promovia cursos de alfabetização.

E por último, o Movimento das Mulheres Negras, que se configura em organizações não governamentais (ONG's) e realizam vários trabalhos de denúncia contra o racismo, cursos e palestras sobre educação sexual, doenças sexualmente transmissíveis, entre outros. (MUNANGA & GOMES, 2016, p. 132)

O que tem sido chamado de Movimento Negro, surge segundo a literatura (GOMES, 2016, MUNANGA, 2016, PETRONILHA, 2014, GOMES, 2011, DOMINGUES, 2008) já no século XX e se diferencia pela conotação política das ações deflagradas.

Para Domingues (2008, p. 102) o Movimento Negro se estrutura a partir da luta dos negros para resolver seus problemas na sociedade abrangente, em especial aqueles provenientes dos “preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural”. Portanto, traz, na raiz de sua definição, um viés conceitual que o categoriza como movimento político de mobilização racial, ainda que o mesmo assuma, por vezes, um caráter cultural.

Santos (1994) apresenta uma concepção mais alargada de movimento negro, defendendo que ele pode ser compreendido como:

um conjunto de ações de mobilização política, de protesto antirracista, de movimentos artísticos, literários e religiosos, de qualquer tempo, fundadas e promovidas pelos negros no Brasil como forma de libertação e de enfrentamento do racismo. Entre elas encontram-se: entidades religiosas (como as comunidades-terreiro), assistenciais (como as confrarias coloniais), recreativas (como “clubes de negros”), artísticas (como os inúmeros grupos de dança, capoeira, teatro, poesia), culturais (como os diversos “centros de pesquisa”) e políticas (como as diversas organizações do movimento negro e ONGs que visam à promoção da igualdade étnico-racial).

A definição defendida por Santos é refutada por Domingues (2008), que considera sua abrangência problemática sobremaneira para a abordagem historiográfica.

Pereira (2011) não chega a propor fases para o movimento negro, sendo difícil definir uma cronologia fechada que enquadre a constituição deste ao longo do século XX, mas defende que ele teria se intensificado a partir dos anos de 1970, na medida em que as lutas dos movimentos negros produzem progressos, como a lei 10.639/03, a qual inclui no currículo oficial das redes de ensino da Educação Básica a obrigatoriedade da temática “Histórias e Cultura Afro-Brasileira”.

Barbosa (2005), por outro lado, sugere maior vigor a partir dos anos de 1990, quando se intensificam em todo Brasil eventos e ações a favor da afirmação da identidade negra. Exemplo desses eventos é dado na metade da década de 1990 com a realização da Marcha Zumbi dos Palmares contra o racismo e a favor da cidadania e da vida. Na ocasião, os organizadores entregaram ao presidente Fernando Henrique Cardoso o “Programa de Superação do Racismo e Desigualdade Racial”, que culminou em mudanças como a revisão dos livros didáticos.

Para Fonseca & Barros (2016, p. 24), este “movimento (de contestação) influenciou os procedimentos de escrita da história da educação que também passou a questionar as formas

tradicionais de representação dos negros em suas interpretações dos processos educacionais”. Gomes (2005, p. 95) lembra que no campo do currículo:

A luta para incluir no currículo oficial aspectos da cultura negra de modo afirmativo, já era uma frente educacional dos coletivos negros desde o início do século passado. Como informa Gomes (2005, p. 95): Desde o início do século XX, as associações negras desenvolvem estratégias e práticas educativas em prol da comunidade negra. Os (as) jovens e os (as) adultos impedidos e excluídos do sistema escolar faziam parte do conjunto de preocupações dessas organizações. Estes grupos, por meio das mais diversas ações, além de denunciarem o racismo, visavam preencher uma lacuna deixada pelo Estado brasileiro em relação aos processos educativos escolares voltados para o segmento negro da população.

O que é preciso ter em mente é que o papel do movimento negro foi fundamental para o processo de tomada de posição de muitos educadores, pois suas ações têm subsidiado a crítica à educação eurocentrista, a qual inferiorizava racialmente negros e, através dele, se promove o discurso de que é preciso romper e ressignificar a imagem e a história do negro. Por esse discurso e pela chancela do termo “ação afirmativa”, que segundo Fonseca & Barros (2016, p. 414) “chega ao Brasil carregado de uma diversidade de sentidos, o que, em grande parte, reflete os debates e experiências históricas dos países em que foram desenvolvidas”, chegamos à Lei 10.639/03.

1.3. A LEI 10639\03

Basicamente, a Lei 10.639, sancionada em 2003 pelo Presidente da República, alterou a LDB (Lei de Diretrizes e Bases, 1996) e instituiu a obrigatoriedade no ensino fundamental e médio, público e particular, do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira.

Concordamos com Pereira & Silva (2012, p. 2) no sentido de pensar que tal lei não foi sancionada de um dia para o outro, pois ela é produto das ações de movimentos, como o próprio movimento negro. Pelo contrário, antes de ser sancionada, passou por diversos estágios, a reboque dos movimentos negros da década de 1970 (DOMINGES, 2008; GOMES, 2011; MUNANGA & GOMES, 2016) e do esforço de simpatizantes da causa negra na década de 1980, quando diversos pesquisadores alertaram para a evasão e para o déficit de alunos negros nas escolas, em razão, entre outras causas, da ausência de conteúdo afrocêntricos que valorizem a cultura negra de forma abrangente e positiva.

Sem dúvida, a Lei 10.639/03 é um marco para todos nós. Um acontecimento ímpar para que, pelo ensino de cultura africana e afro-brasileira, possamos reconhecer as contribuições do povo negro na economia, sociedade e política no Brasil, ou seja, sua contribuição para a

construção da nação brasileira. Em uma percepção mais cotidiana, é o esforço para não mais permitirmos que alunos negros, pretos e pardos não se identifiquem nas gravuras das paredes da sala de aula que expõe constantemente personagens brancos diferentes de todo o círculo familiar. É esforço para que alunos negros possam se ver e se produzir identitariamente como tais, opondo-se a um processo de negação da própria identidade.

Isso é algo emergencial quando sabemos que a situação dos negros brasileiros, conforme expressa Gomes (2005, p. 46), ainda mostra que:

O racismo no Brasil é alicerçado em uma constante contradição. A sociedade brasileira sempre negou insistentemente a existência do racismo e do preconceito racial, mas, no entanto as pesquisas atestam que, no cotidiano, nas relações de gênero, no mercado de trabalho, na educação básica e na universidade os negros ainda são discriminados e vivem uma situação de profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do país”.

Infelizmente, a existência da lei não parece ser o suficiente, pois somente o fato de ter sido promulgada não garante sua efetivação. O cumprimento superficial ou maquiado da lei é um risco real, porque, como pondera Gomes (2012), a lei está no currículo, entretanto seus benefícios não chegam a maioria das salas de aula. Como nos lembra Adami (2007):

O despreparo dos professores nos assuntos culturais ou a falta de interesse da própria escola em levar adiante o tema, voltando-se apenas para comemorações de datas como o dia da “Consciência Negra” ou “13 de maio”, não refletindo sobre o real significado destas datas, perdendo-se assim, a oportunidade de instigar os alunos sobre o tema.

Analisando a efetivação da lei e, conseqüentemente, a adoção da congada como conteúdo de ensino ou tema gerador a partir da perspectiva do currículo ou das pesquisas sobre o currículo, assumimos que o professor que se depara com esta lei não sabe como trabalhá-la em sala de aula e, no mínimo, não teve uma formação para aplicar os conteúdos que estão sendo adicionados ao currículo, o que manifesta como os processos que determinam a educação ainda são invisibilizados pelos currículos escolares e pela própria teoria educacional. Neste sentido, reiteramos o pensamento de Gomes, para quem o currículo atua indubitavelmente como instrumento para seleção parcial de conteúdos de ensino que abrangem determinados valores e cultura e que, por isso, acaba imprimindo uma dada identidade na escola, a qual reflete uma concepção de mundo, de sociedade e de educação. O currículo implica relações de poder, sendo o centro da ação educativa. Através deste, leis como a 10639\03 podem ou não tornarem-se realidade no chão da escola.

1.4. CONSIDERAÇÕES AO CAPÍTULO

Se propôs neste capítulo socializar um processo, cujo objetivo foi tencionar um pouco nossas compreensões sobre elementos que julgamos importantes para captura e análise das congadas acessadas pelas narrativas dos professores congadeiros: currículo, o movimento negro e a Lei 10639\03.

Pode-se assumir, pelo diálogo com a literatura acadêmica, que o currículo é alvo-palco de intensos debates e batalhas travadas por setores da sociedade ou por grupos sociais distintos e com projetos distintos, o que comprova sua admissão como território de disputa por poder. Visto na dimensão da pesquisa, chegamos ao entendimento que a existência de teorias acerca dele (teorias do currículo) também ratifica a complexidade de fechar um entendimento conceitual, ainda que sejam claras as manifestações das teorias nas propostas educacionais das escolas. O currículo ainda é o lugar no qual nosso acesso como professores não é livre nem bem-vindo.

Quando avançamos na reflexão sobre o currículo, adicionando a este exercício a compreensão do modo como um determinado grupo social, o dos negros ou melhor aquele ligado ao movimento negro se insere no campo de disputas (e é uma inserção baseada na luta), vemos a gravidade da questão. É, após esse alargamento interpretativo, que reconhecemos a pertinência da defesa de leis, como a 10639\03, que institui a obrigatoriedade do ensino sobre história e cultura afro-brasileira no ensino fundamental e médio, nos estabelecimentos oficiais e particulares. (MEC, Art. 26-A)

Por fim, quando buscamos nos acercar dos olhares científicos sobre a lei 10639\03, podemos pautar uma defesa no sentido de que sua promulgação não é a culminância ou conquista final, mas o reinício do debate ou da luta em outro patamar, o que exige novos e maiores esforços. A Lei, tanto quanto a história dos negros e das africanidades, não é conhecida, não é estudada e pouco se apresenta na formação de professores.

Ao final, ampliam-se as condições que apontam aos elementos históricos do currículo e da construção das identidades nacionais como possíveis explicações para as dificuldades da congada fazer-se presente nas escolas catalanas.

A pesquisa de campo, âmago dos capítulos seguintes, foi fundamental para nos aproximarmos do objetivo da pesquisa, a qual foi, como reforçamos, compreender a congada catalana, os desafios e possibilidades para que sejam trabalhados nas escolas do município, segundo a perspectiva de professores congadeiros.

CAPÍTULO DOIS

CONGADAS, CONGADA, CONGADO, TERNO DE CONGO? QUE UNIVERSO É ESSE?

2. INTRODUÇÃO

O objetivo do capítulo é apresentar a festa de Nossa Senhora do Rosário e as congadas de Catalão, sua historicidade, seu funcionamento, entender o que são os ternos de congo, quais instrumentos eles utilizam, os símbolos da festa e fazer a apresentação dos quatro professores selecionados para entrevista. Para sua elaboração foi utilizada uma revisão de literatura, na qual sobressai Brandão, que fez um estudo sobre a festa do rosário em 1985 e Carmo & Mendonça (2008), os quais reuniu em um livro vários artigos que tratam das congadas de Catalão.

2.1. CONGADAS

O congado² é uma manifestação cultural e religiosa de origem africana presente em várias regiões do Brasil, como Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre, Minas Gerais, Goiás e outras.

Compreendê-la exige pensar no modo como os povos da África foram se inserindo culturalmente no Brasil e isso inspira refletir a questão religiosa.

Ramos (2011) é quem escreve sobre como se deu o processo de constituição destas festividades a partir da aproximação com os santos católicos. Em geral, os orixás femininos das águas assimilaram-se as várias Nossas Senhoras católicas. Iemanjá identificou-se a Nossa Senhora do Rosário, na Bahia, e N.S. da Conceição, no Rio. Seguindo pela explicação de Ramos (2011, p. 124-125), vemos que:

Os escravos, de procedência banto, principalmente do Congo, associaram-se no Brasil, em confrarias religiosas tendo por patronos santos católicos. Destas confrarias, as mais importantes eram a de São Benedito, a de N.S. do Rosário dos Negros Congos, sendo que esta última já era sua padroeira na África, por influência dos colonizadores portugueses. Nos autos populares dos Congos e cucumbis, o rei e a rainha eleitos pela irmandade de N.S. do Rosário.

Ramos (2011, p. 114) expõe o que esse processo gerou ao afirmar que:

² Congado ou congada mescla cultos católicos com africanos, uma manifestação cultural e religiosa celebrada em algumas regiões do Brasil. (Gushi, 2011).

Na realidade, as religiões e cultos do negro e do mestiço brasileiros contemporâneos, embora se lhes reconheça a origem africana, são a resultante de uma mescla curiosa, onde várias formas místicas entraram em contato, umas se difundindo a outras, as mais adiantadas absorvendo as mais atrasadas, originado uma verdadeira simbiose ou sincretismo religioso.

É pelo caráter da “mescla” que se dissemina pelo país. Conforme sinaliza Hoonart (1974), essa disseminação ocorre de modo territorializado, já que, segundo ele, “os pretos levaram a devoção a Nossa Senhora do Rosário pelo Brasil afora. As irmandades permitiam expressão relativamente livre da religiosidade africana, enquanto a estrutura ficou controlada pelos brancos” (HOONART, 1974, p. 82).

Para RAMOS (2001, p. 122), essa adaptação não foi passiva, pacífica ou fácil. Ele diz que: Com o catolicismo, esta fusão foi evidente. “O africano—escreveu o Querino—já trazia a seita religiosa de sua terra, aqui era obrigado, por lei, a adotar a religião católica. Habitado naquela e obrigado por esta, ficou com duas crenças. Encontrou no Brasil a superstição, consequência fatal aos povos em sua infância. Fácil lhe foi aceitar para cada moléstia ou ato da vida um santo protetor, etc.

Também há que entenda no sincretismo a forma como os escravos africanos de origem banto, que vinham de regiões como Angola, Moçambique e congo, a congada encontraram para resistir ao domínio da cultura do homem branco e também um meio de preservar sua cultura, sua fé e sua identidade. Considerada uma expressão cultural e religiosa de origem africana presente em várias regiões do Brasil.

A congada é fantasia, festa como defende Carmo & Mendonça (2008) e nela os corpos que dançam são os mesmos que rezam, adoram sua santa, divertem-se e participam de momento festivo.

Assim, os ternos se fazem conduzir por cânticos que relembram a devoção católica, mas também uma memória da escravidão, da travessia atlântica e de uma África longínqua. Dessa maneira, consideramos que há na congada um discurso étnico-racial que se conjuga com a corporeidade negra em plena visibilidade no espaço urbano e público. (RODRIGUES&RATTS, 2008)

Quando o capitão apita e dá o comando para começar a tocar os instrumentos e a música começa a ser cantada, o corpo se solta se envolvendo no batuque e na melodia dos cânticos entoados pelos congadeiros. Não se presta atenção em quem está olhando, mas o congadeiro se deixa transportar para um universo que é imaginário e ao mesmo tempo real. No momento que se imagina que está na senzala dançando após um dia de muito trabalho, agradecendo aos orixás por mais um dia vencido, o dançador está no meio da avenida mostrando para quem quiser ver a resistência da cultura negra, os cânticos de liberdade, a dança de um povo marginalizado, que sofreu e sofre com a discriminação racial, porém continua firme em suas lutas cotidianas.

Saviato (2009) explora o resultado destas fusões ressaltando a forma rica com a qual se consolidaram ao dizer que:

A dinâmica cultural, promovida por ocasião dos contatos culturais e da conquista, resultou em apropriações e modificações profundas nas várias culturas em questão – a europeia cristã, as africanas e a brasileira em formação no século XIX. Não resultaram somente em imposição de uma cultura sobre a outra, na medida em que mesmo um povo dominado e reduzido à escravidão fez uma leitura ativa dos códigos que lhes foram impostos. Ao tratar-se de códigos e simbologias, o povo que os leu, inevitavelmente, atribuiu sentidos próprios. Desta forma, elementos culturais foram traduzidos, reinventados, resultando em algo absolutamente original e inédito. (p. 2)

Quando atemos o olhar aos corpos da congada notamos algo já evidenciado por Gomes (2002) e que dá conta das percepções de mundo manifestas pois:

O corpo evidencia diferentes padrões estéticos e percepções de mundo. Pinturas corporais, penteados, maquiagem adquirem, dentro de grupos culturais específicos, sentidos distintos para quem os adota e significados diferenciados de uma cultura para outra. (p.42)

No Brasil, as congadas acontecem em diversos estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Minas Gerais³ entre outros e em cada um deles se apresenta de diferentes formas, seja no modo de dançar, de vestir ou de cantar e também acontecem em meses variados de acordo com o Santo padroeiro de cada uma, por exemplo em Aparecida do Norte (SP) a festa do congo é no mês de abril quando se comemora no dia 24 a festa de São Benedito.

Em Goiás a Festa do Rosário é comemorada em vários municípios da região sudeste. Em Ouvidor assim como em Goiandira ela acontece no mês de maio e em Três Ranchos é comemorada no mês de julho.

MITOS

Os mitos apresentam-se como uma possível explicação da realidade reproduzindo gestos criadores e significativos que permanecem sustentando a realidade constituída. Como nos mostra Seleprin (2010),

O mito é uma forma de narrativas. Os mitos apresentam-se como possível explicação ou interpretação da realidade e dos acontecimentos. Para quem vive o mito, ele é a única história verdadeira, proposta numa linguagem acessível a gênese do mundo, das coisas e do homem. (pg. 2)

³ Brasileiro, Jeremias trata das congadas em Uberlândia MG.

Existem mitos relacionados ao surgimento da tradição da congada, um deles é que a congada foi iniciada com a figura de Chico Rei nascido na África Central. (Gushi, 2011).

CHICO REI

Era rei de todo o Congo e seu nome era Galanga. Galanga foi capturado junto com sua esposa Djalô, um filho Muzinga e uma filha Itulo pelos colonizadores portugueses para servir de escravo no Brasil. Durante a viagem Galanga viu sua esposa e filha serem lançadas ao mar como oferenda a deusas para acalmar a tempestade no caminho. Ao chegar no Rio de Janeiro em 1740, foi vendido e levado para Vila Rica, mas antes de chegar a cidade mineira ele recebeu o nome cristão de Francisco e apelidado de Chico. Com o seu trabalho conseguiu alforriar-se e comprar a liberdade de seu filho Muzinga e de outros companheiros que vieram no navio com ele, estes o consideraram “rei”. Os escravos libertos consideravam-no rei. Estes libertos associaram-se em uma irmandade em honra a Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia. Com a construção da igreja permitiu que os negros realizassem suas festas, com suas músicas e danças em louvor as Santas. No dia de nossa Senhora do Rosário ocorriam as solenidades da irmandade e durante estas Chico era coroado como rei com uma corte sendo coroada também, essa cerimonia simbólica era acompanhada de músicos e dançarinos ao som de pandeiros, caxambus e canzás. Este ritual acontecia antes da missa e até os dias atuais se repetem.



Figura 1: Desenho produzido pelo artista Fabrício Nepea

O ACHAMENTO DA SANTA

Outro mito ligado a tradição das congadas emerge da narrativa de origem do achamento de Nossa Senhora do Rosário que conta que na época da escravidão uma imagem de Nossa

Senhora do Rosário foi achada no mar, os escravos chamaram o dono da fazenda e lhes pediram para deixar que tirassem a imagem das águas, o fazendeiro não permitiu e ordenou que os escravos construíssem uma capela para ela toda enfeitada. Depois que terminou a construção o fazendeiro reuniu com outros brancos, retiraram a imagem das águas e a colocaram no altar. No outro dia a santa havia deixado o altar e voltado para o mar. Após várias tentativas que não deram certo o fazendeiro permitiu que os escravos a resgassem. Os primeiros escravos a tentar tira-la do mar pertencia ao grupo do congo, eles se enfeitaram de cores vistosas e com suas danças ligeiras tentaram tira-la do mar. A santa achou os cânticos bonitos, ergueu-se das águas porem não os acompanhou. Vieram então os escravos mais velhos, estes muito pobres, cortaram madeira e fizeram tambores, formaram um grupo de candombes e entraram nas águas. Com seu ritmo sincopado, surdo cânticos de timbres africanos cativaram a santa e está lhes acompanhou até a capela, onde todos os negros cantaram e dançaram para celebrá-la (MARTINS, 2002, P 75).



2.2. AS TRÊS VERSÕES DE BRANDÃO

Um autor que se destaca nas produções sobre o congado é Brandão. Em seu livro “A Festa do Santo de Preto” (1985) oferece contribuição pois explica toda a festa e o funcionamento do congado e seus ternos. Explica que no congado comemora-se a coroação do rei congo acompanhado de um ritual que acontece através de um cortejo compassado, procissões e levantamento de mastros. A festa também representa o culto religioso a Nossa Senhora Do Rosário, santa de devoção dos negros. A origem do mito, para Brandão (1985) se divide em três versões⁴.

O ACHAMENTO NO DESERTO

Na primeira uma Nossa Senhora do Rosário é encontrada no deserto e algumas pessoas resolvem dançar para Santa. Os congos dançam, a santa sorri e não os acompanha e quando os Moçambique dançam, a santa os acompanha e é colocada em uma igreja, contudo a santa retorna ao seu lugar no deserto, assim é feita uma igreja no local onde a santa foi encontrada.

A APARIÇÃO DA SANTA NO ROCHEDO DE PEDRA

Na segunda versão Nossa Senhora do Rosário aparece num rochedo de pedra, algumas pessoas vinham ver a santa conseguiram vê-la outros não. Veio um padre celebrar uma missa no local a fim de levar a santa, esta vai, mas no dia seguinte retorna ao local de origem. Pai João vai visitar a santa e a reconhece como mãe (mãe dos pretos). Pai João prepara um grupo e instrumentos rituais e produz um ritual para santa que o acompanha e é colocada numa igreja e permanece lá até hoje.

A SANTA E A PROPOSTA DE LIBERTAÇÃO

Essa versão explica que os negros estavam trabalhando e Nossa Senhora do Rosário apareceu para eles no deserto propondo um projeto de libertação. Os negros dançam para ela e esta os liberta da escravidão. Os negros produzem uma dança que a santa não aceita (o congo). Vem outro grupo de negros, o Moçambique, e propõe um outro ritmo de dança que a santa aceita e os acompanha. Sabendo desse acontecido a Princesa Isabel liberta os negros.

⁴ O texto apresentado é baseado nas versões de Brandão porem foram produzidos pela pesquisadora.

Ao escrever sobre as versões do mito Brandão (1985) deixa claro em seu livro que a versão mais generalizada é a primeira versão e que as outras apresentam somente variações dessa primeira.

A VERSÃO CONTADA EM CATALÃO

Em Catalão também existem várias versões para contar a origem das congadas, mas uma unanimidade de que o congado em Catalão tem forte influência mineira.

De acordo com escritor Ramos (1984, p. 76), os mineiros vieram em busca de novas terras para lavoura e criação de gado. Com esses povos colonizadores vieram seus escravos e estes trouxeram suas crenças e costumes originários da África. Reza a lenda que Pedro Neto Carneiro Leão veio de Araxá (MG) para Catalão com o intuito de ser grande fazendeiro, assim fez uma promessa para Nossa Senhora do Rosário de que se bem-sucedido iria realizar em Catalão uma grande festa em homenagem a sua santa protetora. O fazendeiro conseguiu o que havia pedido Nossa Senhora e quando estava se preparando para realizar a festa ficou doente. Com medo de morrer sem cumprir a promessa chamou seu filho Augusto Neto Carneiro, caso faltasse, que pagasse a promessa em seu lugar. Pedro faleceu e seu filho para cumprir sua dívida com a santa mandou alguns negros para Araxá afim de aprenderem as técnicas e danças praticadas na terra de seu falecido pai. Ao retornar a Catalão juntou esse terno com os demais grupos de negros das fazendas da região formando um grande grupo de dançadores. Quando estava tudo pronto, os dançadores treinados, o vigário da cidade, padre Joaquim Manuel de Sousa não concordou com a realização da festa e guardou a chave da igreja. O coronel Augusto então chamou um rezador de terços para rezar as novenas e ladainhas, arrombaram a porta da igreja e deram início a festa do rosário.

2.3. APORTES AO ENTENDIMENTO DA CONGADA: CATALÃO E A FESTA

Todos os anos é muito grande a espera pela festa e, por isso, apesar de se realizar no mês de outubro os preparativos começam bem antes. A Irmandade junto aos festeiros realiza bailes, feiras, exposições e tudo que podem fazer para arrecadar fundos para a realização da festa.

Pela história vemos que as congadas em Catalão ocorrem anualmente desde 1879 e é um exemplo de que a cultura dos antepassados africanos foi e é passado de geração para geração, uma cultura que de acordo com Borges não aparece nas atas da Câmara de Catalão do século XIX. Há forte influência do congado mineiro, mas diferentemente de lá, onde a maioria das

festas ocorre em maio devido a comemoração da abolição da escravidão e de se comemorar o dia de alguns santos neste mês, em Catalão a festa acontece no mês de outubro como parte dos festejos da festa de Nossa Senhora do Rosário.

A Festa do Rosário como é chamada dura 11 dias, mas os preparativos para a festa antecedem este mês pois os ternos de congo começam seus ensaios no final do mês de agosto ou no início do mês de setembro. Os ensaios, são realizados nos finais de semana na casa dos capitães dos ternos. Há, no derradeiro domingo de setembro o ensaio geral no qual todos os ternos se reúnem na porta da igreja. Contudo, os preparativos atravessam todo o ano, com organização de eventos como: jantares, noites dançantes, feira da amizade, além dos terços que ocorrem semanalmente as terças-feiras e da copa congada que ocorre após a festa, envolvendo todos os dançadores de congo. A copa congada é uma competição de futsal, na qual todos os ternos da cidade de Catalão podem participar. Os jogadores têm que ser dançadores do terno de congo que vai representar. No entanto, nem todos os ternos participam pois não tem jogadores que completam o time e já outros ternos tem vários jogadores.

A centralidade da congada na Festa do Rosário se evidencia na medida em que compreendemos tantos os ternos como a festa em si. E não há como compreender o modo como a festa se desenrola sem compreender o funcionamento dos ternos de congo⁵.

2.4. OS TERNOS DE CONGO CATALANOS.

Chamamos de “terno de congo” cada grupo. A exemplo do que ocorre com as escolas de samba, ou seja, há um terno de congo que pode ter sido criado por diversos motivos ou pontos em comum. Em Catalão, quase todos os ternos se vinculam a famílias de origem negra.

Para melhor visualização dos dados que dão conta da formação-constituição dos ternos estruturamos a tabela apresentada abaixo, com os nomes dos ternos, sua categoria, seu capitão, a data de fundação do terno disposta por ordem do mais velho ao mais recente, as cores que o terno usa e o número estimado de dançadores.

Quadro de apresentação dos ternos de congo de Catalão, caracterizando seus nomes, suas categorias, quem é seu capitão, data de fundação, as cores que se vestem e o número aproximado de dançadores, sendo que esse último pode mudar a cada ano, visto que a cada ano a congada tem ganhado mais integrantes, pessoas que se interessam pela cultura local e outros por devoção a Nossa Senhora do Rosário.

⁵ Terno de congo é uma categoria para identificar os diferentes grupos que compõe a congada.

Nome	Categoria e localização	Capitão	Data de Fundação	Cores utilizadas	Nº estimado de dançadores
Pio Gomes	Congo do bairro Pio Gomes	Eder Cassio	1935	Branco, rosa e faixa Vermelha	50
São Francisco	Congo do bairro São Francisco	Reginaldo	1940	Branco, verde e faixa verde	80
Santa Terezinha	Congo bairro Nossa Senhora de Fátima	Antônio Alves	1948	Azul, Branco e faixa vermelha	60
Mamãe do Rosário	Moçambique bairro Santo Antônio	Diogo	1951	Branco e rosa	100
N. Sra. Das Mercês (catupé amarelo)	Catupé Cacunda bairro Nossa Senhora de Fatima	Antônio Lucimário (Bigu)	1953	Amarelo, preto e faixa com fitas coloridas	400
Santa Efigênia (vilão rosa)	Vilão I bairro São Francisco	Nain Abadio	1954	Rosa, preto e faixa azul	150
Prego	Congo Bairro Mãe de Deus	Elzon Arruda	1961	Azul, branco e faixa vermelha	90
São Benedito (catupé azul)	Catupé Cacunda bairro São José	Valdivino	1970	Azul, verde e faixa com fitas coloridas	280
Sagrada Família (terno do tônico)	Congo bairro São José	Antônio Serafim	1973	Vermelho, branco e faixa verde	55
Marinheiro	Congo bairro das Américas	João Diniz	1975	Azul Marinho e faixa vermelha	90
N. Sra. De Fátima (terno do Zé do gordo)	Congo Bairro Nossa Senhora de Fatima	Carlos do Rosário	1975	Rosa, Azul e faixa branca	100
N. Sra. Do Rosário (catupe branco)	Catupé Cacunda bairro Jardim Paulista	Leonardo Rosa	1986	Preto, branco e fitas coloridas	394
Marujeiro	Congo bairro Setor Universitário	Durval Salviano	1989	Preto, azul claro e faixa vermelha	40
Coração de Maria	Moçambique bairro Nossa Senhora de Fátima	Antônio Carlos	1999	Branco e rosa	100

Nossa Senhora da Guia	Congo bairro Santa Terezinha	Edson Correia	2003	Verde limão, azul e faixa branca	80
N. Sra. De Fátima (vilão laranja)	Vilão II bairro Nossa Senhora de Fátima	Eurípides	2003	Preto, laranja e faixa azul	150
Penacho (Terno do pontal)	Penacho bairro Pontal Norte	José Gercino (Didi)	2003	Lilás, Preto e Faixa vermelha	82
Mariarte (terno das mulheres)	Congo bairro Setor Universitário	Aldanice	2005	Laranja e Marrom	36
Santa Efigênia (catupé prata)	Catupé Cacunda Bairro Ipanema	Saulo	2008	Prata e preto	60

TABELA 1: Distribuição e dados dos ternos de congado de Catalão-GO.

FONTE: REVISTA O CONGADO, 2014. ELABORADA PELA AUTORA Daniane Moreira Manoel 2018.

Existem distinções entre os ternos indispensáveis ao entendimento do funcionamento do mesmo. É preciso conhecer alguns símbolos e elementos que compõe a congada e por isso elaboramos um glossário básico a respeito.

2.5. GLOSSÁRIO BÁSICO

2.5.1. SIMBOLOGIA DA FESTA- MOMENTOS.

Entrega da Coroa: ao final da festa a comissão festeira sai em cortejo da porta da Igreja do Rosário acompanhada por dançadores de congo, devotos e pagadores de promessas. Os ternos de Moçambiques são responsáveis por acompanhar a família real, que leva a coroa de ouro e o andor de Nossa Senhora Do Rosário. Na frente dos ternos de Moçambiques e da coroa, vão os ternos de congo, catupés, vilões, terno das mulheres e o penacho, fazendo suas apresentações para o público presente, e chegando ao palanque montado para abrigar os novos festeiros, a comissão da festa do ano seguinte e as autoridades convidadas, os ternos fazem sua última apresentação e vão embora.

Reinado: este é composto por Rei, Rainha, princesas e príncipes, que podem ser considerados perpétuos. Tem como função manter uma vigilância constante com orações de proteção e ensinamentos.

2.5.2. ACESSÓRIOS E INSTRUMENTOS

Apito: Pequeno instrumento de metal ou plástico que faz soar um som quando assopramos. Os capitães dos ternos se utilizam desse objeto para dar comando aos dançadores. Quando o capitão quer sair com o terno, apita uma vez, os dançadores já assumem suas posições. Logo em seguida o capitão usa o apito para começar as marcações do ritmo e da música, se preparando para sair as ruas da cidade.



Figura 2: Revista Portal Vip, 2014

Bastão: instrumento de comando dos capitães do terno.



Figura 3: Revista Portal Vip, 2014

Caixas: instrumento feito de chapa de ferro com couro de vaca.



Figura 4: Revista Portal Vip 2014

Gungas: são constituídas de pequenas latas contendo esferas de chumbo no interior, são colocadas abaixo dos tornozelos dos dançadores deste terno.



Figura 5: Acervo Pessoal da autora Daniane Moreira Manoel 2018

Manguaras: pequenas varas, que quando tocadas umas nas outras dão ritmo a coreografia do terno, tendo o dançador que prestar muita atenção na coreografia para não machucar o parceiro.



Figura 6: Revista Portal Vip 2014

Pandeirinho: instrumento cuja circunferência é feita de madeira, tendo de um lado coberto de couro e seus 360 graus pontilhados por tampinhas de garrafa em espaços alternados.



Figura 7: Revista Portal Vip

Patangonga: do formato da bateia, com esferas de chumbo o seu interior.



Figura 8: Acervo Pessoal da autora Daniane Moreira Manoel 2018

Sanfona: O instrumento consiste em duas caixas retangulares dispostas em posição vertical ligadas entre si por um fole de cartão plissado. Dentro das caixas estão as palhetas que, acionadas pela agitação de dois tipos de teclado, emitem som pela vibração da passagem do ar que é empurrado através dos movimentos do fole. O peso do acordeom pode variar de dois a dezesseis quilos.



Figura 9: Acervo Pessoal Daniane Moreira Manoel 2018

Tamborim: pequeno instrumento quadrado, coberto por couro dos dois lados e uma alça de couro para segurar-se com as mãos, uma baqueta pequena é utilizada como percussão. São bastantes utilizados pelos capitães de catupé.



Figura 10: Acervo Pessoal da pesquisadora Daniane Moreira Manoel 2018

2.5.3. ESTRUTURA DA FESTA – TIPOS DE COMPONENTES

Conforme Brandão (1985) a Festa possui uma ordem: dias, momentos, acontecimentos, condutas cerimoniais, agentes e personagens e a junção de todos esses componentes é que dão vida a tradicional festa em louvor a Nossa Senhora Do Rosário. Assim, para melhor entendimento, cada componente será explicado a seguir.

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário: Foi constituída para reunir os irmãos do Rosário pela preservação da cultura negra e por melhores condições de vida da comunidade negra. Composta por capitães, dançadores de linha, generais, reinado e alguns irmãos de honra que de alguma forma contribuem para a comunidade. Segundo BRANDÃO (1985) explica que ao contrário dos agentes da congada e do reinado, todos eles escolhidos e perpétuos, os membros da diretoria da Irmandade são eleitos e ocupam cargos provisórios: o presidente, o vice-presidente, o secretario e o tesoureiro. (Pg.39)

A Família Real: Explica-se em Catalão que o reinado é a própria origem da festa. São ambos ocupantes de cargos perpétuos (BRANDÃO, 1985)

O General: é a figura de maior poder na congada, todos os capitães devem obediência aos generais. São eles que organizam a passagem dos ternos nos cortejos e acompanham a coroa no último dia de festa.

O Padre: Representante da igreja, comanda as missas e procissões e também está presente na entrega da coroa.

Mordomo: Aquele que é encarregado de guardar as bandeiras de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Festeiros: Aqueles que estão na preparação da festa e que não participam somente da organização da congada. A escolha destes ocorre através de uma votação da Diretoria da Irmandade. São responsáveis junto a prefeitura pela construção do ranchão (local onde ocorre música e dança, situado em frente à igreja do Rosário). Colaboram com a parte religiosa ajudando na reza dos terços e missas, também participam na promoção de jantares, as famosas ceias típicas da culinária goiana, síria, mineira dentre outras, que ocorrem no centro folclórico durante a festa do Rosário.

Os Capitães: Cada terno possui 2 capitães (o primeiro e o segundo capitão). Ele (a maioria dos ternos possuem os dois capitães homens, um possui um homem e uma mulher como capitães e

o terno formado por mulheres são só mulheres capitãs) é responsável pela organização e comando terno. Na maioria das vezes este cargo é hereditário, passando de pai para filho.



Figura 11: Revista Portal Vip 2014

Bandeirinha: são meninas ou moças virgens que vem a frente do terno carregando o estandarte com a imagem de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito ou Santa Efigênia.



Figura 12: Revista Portal Vip 2014

Caixeiros: dançadores que marcam o ritmo da congada, são responsáveis pelo tom mais grave da congada. Há aqueles dançadores mais experientes que ficam na guia para puxar o ritmo.



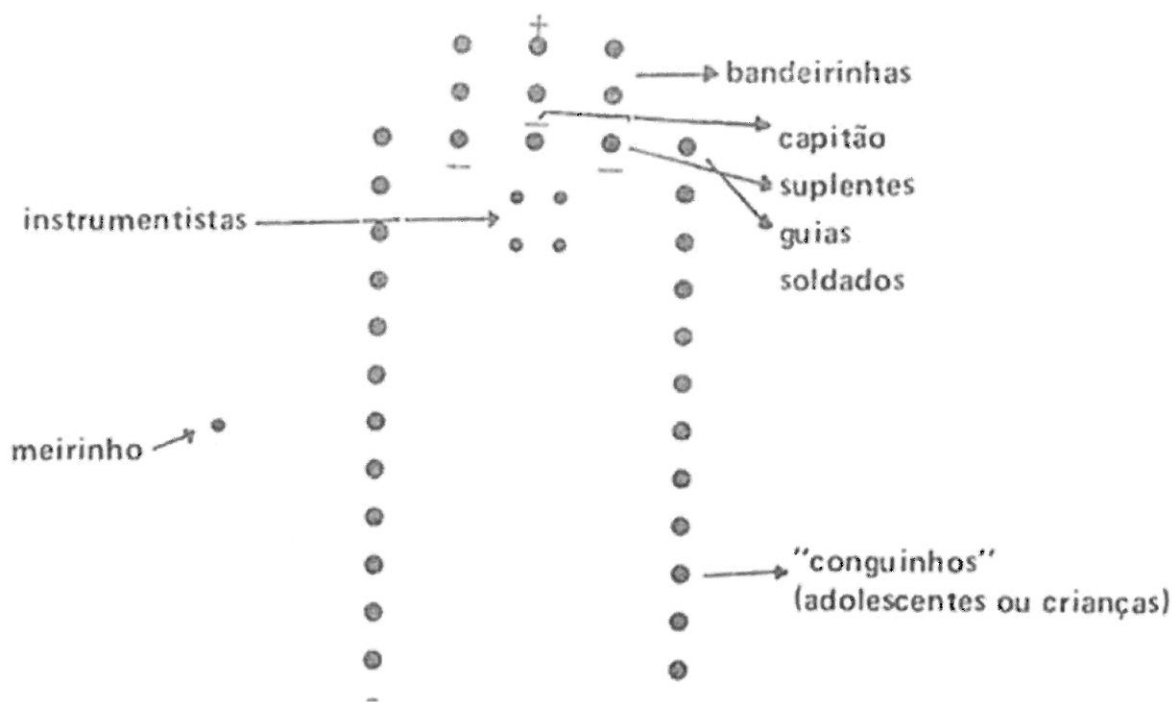
Figura 13: Revista Portal Vip 2014

Dançadores de linha: são aqueles que utilizam de algum instrumento musical (pandeiro, gungas, sanfona, chocalho, patangongas, manguaras e etc.) que acompanham o ritmo da congada junto com os caixeiros.



Figura 14: Revista Portal Vip 2014

De acordo com Brandão (1985) no terno os integrantes são colocados em posição de desfile, seja nos cortejos, seja nas visitas, o terno de congos apresentam esta disposição. Muitos percebem nela a reprodução das igrejas com o altar e a cruz à frente.



FONTE: BRANDÃO, CARLOS RODRIGUES. *A FESTA DO SANTO DE PRETO*. Ed. FUNARTE, Rio de Janeiro, 1975.

O esquema descrito acima por Brandão é o mesmo utilizado até os dias atuais na cidade de Catalão.

2.5.4. CATEGORIAS DOS TERNOS

Eles podem ser de 08 categorias, se diferenciando pela vestimenta, instrumentos, musicalidade e formação. Os ternos se dividem em congos, catupés, vilões, Moçambiques, penacho e terno das mulheres. Segue abaixo cada categoria;

1-Terno de congo: são aqueles que tem uma batida mais forte das caixas, que é seu principal instrumento. Também utilizam a sanfona, pandeiro e chocalho.



Figura 15: Acervo Fundação Cultural Maria das Dores Campos

2- **Ternos de “Catupé Cacunda”**: Os ternos de catupé, utilizam-se de caixas feitas de couro de vaca, e os dançadores acompanham o capitão e seu tamborim com seus pandeiros. O terno é composto de duas fileiras de dançadores e o capitão fica no meio marcando o compasso. As moças ficam encarregadas de levar a bandeira a frente do terno. Em sua obra “Cultura Afro-brasileira na escola: O Congado em Sala de Aula”, Brasileiro (2010), esclarece que;



Figura 16: Acervo Fundação Cultural Maria das Dores Campos

Catupês ou Catopês surgiram da influência indígena, propiciada pela interação ocorrida entre escravos fugitivos, que se escondiam nas matas, com os índios. Após retornarem para os vilarejos com o fim da escravidão, esses escravos inseriram nas Congadas o jeito de vestir e dançar dos indígenas. Utilizariam ainda cantorias irônicas e também críticas sociais. (p. 23)

3-Terno do vilão: apresenta-se com as manguaras enfeitadas com fitas coloridas, os seus integrantes ficam dispostos em duas fileiras, além das manguaras ele tem facões de madeira que simbolizam a luta dos escravos. O caixeiro e o sanfoneiro puxam o ritmo. Segundo Brasileiro (2010), este terno resultaria numa lembrança de jovens escravos preparados para assaltar as fazendas e engenhos, levando animais domésticos e mantimentos. (p. 24)

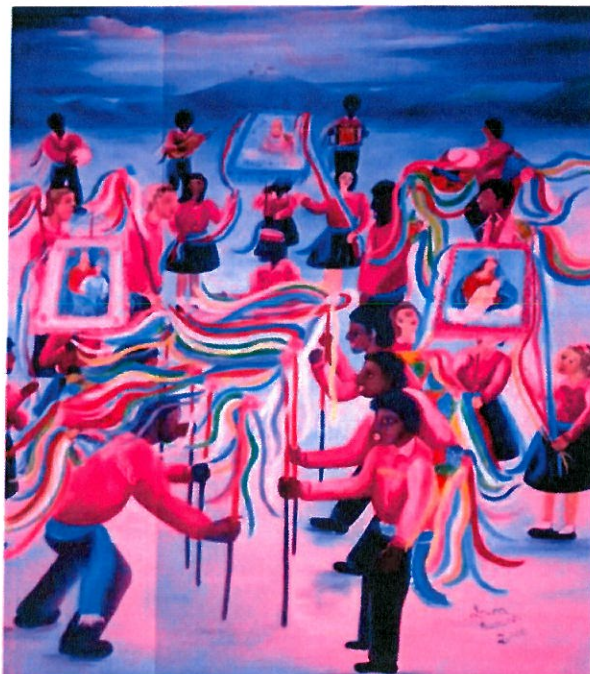


Figura 17: Acervo Fundação Cultural Maria das Dores Campos

4-Terno Mariarte: é o primeiro terno de congo catalano formado somente por mulheres, seus instrumentos são caixas;



Figura 18: Acervo Fundação Cultural Maria das Dores Campos

5-Terno de Moçambiques: estes apresentam uma batida mais lenta, são eles que conduzem a imagem de Nossa Senhora do Rosário e o reinado. Os instrumentos utilizados são as gungas, patangongas e as caixas. Estes ternos são muito respeitados pelos demais e são responsáveis por acompanhar a coroa de Nossa Senhora que é o símbolo máximo das congadas. Faria ainda parte do repertório musical dos Moçambiques cantorias rememorativas aos tempos de escravidão. Eles trazem também em seu conjunto os benzedores e benzedoras espirituais de agrupamentos étnicos (Brasileiro, 2010, p. 21).



Figura 19: Acervo Fundação Cultural Maria das Dores Campos

6-Terno Penacho: apresenta uma batida mais forte, usam um cocar na cabeça. Representam os índios africanos inseridos nas congadas. Suas cantorias geralmente se representariam como um coral de lamentações e as coreografias são passos marcados de forma cadenciada (BRASILEIRO, 2010, p. 24).



Figura 20: Acervo Fundação Cultural Maria das Dores Campos

Em Catalão os ternos de congos são a maioria. Hoje na cidade contamos com 12 ternos de congo, sendo sua característica a batida forte do seu principal instrumento que são as caixas, mas eles também se utilizam de sanfonas reco-reco e chocalho. Este terno é formado por uma ala de abertura denominada guia e duas fileiras laterais uma de frente para outra, onde uma canta o verso e a outra responde e para carregar a bandeira há uma ou mais fileiras de moças segurando as fitas da bandeira.

Agora que apresentamos a explicação do funcionamento e composição dos ternos podemos apresentar o desenrolar da festa.

2.5.5. O DESENROLAR DA FESTA

De acordo com Brandão (1985), a festa possui uma ordem: dias, momentos, acontecimentos, condutas cerimoniais, agentes e personagens. Produzindo, como uma ponte estendida entre a rotina e a festa, um sistema de modos codificados de inclusão e participação nas suas áreas e momentos (p. 33). A festa altera o cotidiano dos moradores e dançadores de congo, o domingo que não tinha nada para fazer era um momento de descansar na época da festa os domingos são reservados aos ensaios, ainda há aqueles que ajudam na ornamentação da

festa, na confecção de instrumentos, ajudam a fazer a comida que é oferecida aos ternos e aos devotos.

O programa oficial da festa é distribuído em toda cidade e em algumas cidades próximas a Catalão. A festa do Rosário também ganha destaque na mídia e nas redes sociais, o que facilita o convite a todos que não conhecem e querem conhecer a grandiosa Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário.

Após o último ensaio que acontece por volta do último domingo do mês de setembro a cidade aguarda a **alvorada** que é realizada sempre na madrugada de uma sexta-feira, geralmente 10 dias antes do dia 12 de outubro que é o dia da padroeira da Brasil Nossa Senhora Aparecida.

Na alvorada os ternos permanecem em silêncio até que o general da congada apite, dando início as festividades. Nesse momento todos os ternos de congo, Moçambiques, Catupés e Vilões tocam seus instrumentos e fogos de artifícios anunciam a todos os cidadãos de Catalão que a festa começou. Gente de todas as idades e de várias partes do Brasil se aglomeram no largo do Rosário (Praça Irineu Reis Nicolletti), como é chamado o espaço que fica em frente à igreja do Rosário.

A partir daí são onze (11) dias de festividade com novenas, rezas, missas e procissões em devoção a Nossa Senhora do Rosário.

Alguns congadeiros dizem que quando chega a época da festa do rosário até o cheiro do ar fica diferente, o vento traz à lembrança de dias alegres ao som do batuque das caixas e do balanço das gungas.

141^a Festa em Louvor à Nossa Sra. do Rosário

Catalão-GO

29 à 09 de OUTUBRO de 2017

“Deveriam todas as gerações me chamarem, Bem Aventureada”

Casal de Festeiros

Paulo Cesar Santos
Maria Luzia Ferreira
e Comissão 2017

Pároco:
Padre Emerson
Padre Murah

Programação Religiosa

HORÁRIOS PARA TODOS OS DIAS
06h - Terça, Imaculada de N. Sra. do Rosário
13h - Terça, Aparentado de Graça
18h - Terça, Imaculada de N. Sra. do Rosário
19h - Missa

Programação Religiosa (segunda-feira a sexta-feira)
06h30 - Terça - 13h - Imaculada Fecunda com a presença do Pároco, Sr. Miguel Torres de Abreu
06h30 - Quarta - 13h - Missa
06h30 - Quinta - 13h - Missa
06h30 - Sexta - 13h - Missa
06h30 - Sábado - 13h - Missa (Dia de São Francisco)
06h30 - Domingo - 13h - Missa (Dia de São Benedito)
06h30 - Segunda - 13h - Missa (Aparição de Lapaes)
06h30 - Terça - 13h - Missa, Cermas de Nossa Sra. Imaculada de Graça
06h30 - Quarta - 13h - Cortejo solene de São São Francisco até a Igreja do Rosário
20h30 - Missa da Congrega de devotos
18h - Procissão sagrada da missa presidida pelo Bispo Dom Wellington e Pedro

06h30 - Domingo - 13h - Terça de Coração de Maria
06h30 - Domingo - 13h - Terça de Coração de Maria

Quadrante de São Francisco e Senhora
Missa e Quilombo
Missa de São Francisco
Missa de São Francisco e Terceira de São Francisco

Diretoria:
Presidente: **Leonardo Bueno**
Vice-Presidente: **Luiz Cláudio Elias**
Tesoureiros: **Diogo Rezende, Euzébio Marques**
Secretários: **Éder Canêdo, Wolman Rabelo**
Diretor de Esportes: **Paulo César, Clésio, Leandro, Cristovão**
Diretor de Patrimônio: **Saulo, Ronaldo, Renato, Claytão, Marquim**
Diretor Social: **Roberto, Sílesio, Cleiber, Denise, Eduardo, Paulo A.**
Diretor de Comunicação: **João Victor, Matheus**
Presidente do Conselho: **João Costa**
Conselheiros: **Paulo Alex, Cherim, Antônio Carlos, Emerson, Cristina, Jollison**

Reinado:
Roi: **Cleber Francisco**
Rainha: **Elis de Jesus Rosa**
Principais: **Leonilda Rosa, Estimar Junior, Evelyn Barbosa, João Antônio**
Principais: **Luiz Roberto, Isabela Cristina, Gabriela Carolina, Gabriela Carolina, Gabriel, Aquilino de Souza, Gabriel, Lídia**
Principais: **Adriano M. Cavina, Douglas do Nascimento**

Moçambique:
MOÇAMBIQUE MAMÊ DO ROSÁRIO
1 Diogo Gonçalves de Resende
2 Matheus Alves Messias
3 Fabrício Alves
4 Clayton Cândido

MOÇAMBIQUE CORAÇÃO DE MARIA
1 Antônio Carlos Ribeiro
2 Wellington Assunção Ribeiro
3 Wellington A. Ribeiro
4 Leandro Barbosa

Terno Visitante:
CATUPÉ FILHO DO ROSÁRIO (GOIÂNIA)
1 Elcio do Rosário Neto
2 Wellington do Rosário

Terços de Congo:
CONGO N. SRA. DO ROSÁRIO
1 Roberto Ribeiro
2 Jhon Kennedy

CONGO SÃO BENEDITO (GOIÂNIA)
1 Gabriel Alves
2 José Mário
3 André Lúcio

CONGO MARIANTE
1 Juliana Moreira
2 Wendell Rafael Foyat
3 Mariana de Fátima

CONGO SÃO FRANCISCO
1 Patrícia Nascimento Ruiz
2 Wellington Nascimento Ruiz
3 Wellington Nascimento Ruiz
4 Wellington Nascimento Ruiz

CONGO DE DO ROSÁRIO
1 Carlos do Rosário Alves
2 Carlos do Rosário Alves

CONGO SANTA TEREZINHA / PATRONO ANTONIOLESE DE LISBOA
1 Marcelo Alves
2 Marcelo Alves

Catupé:
CATUPÉ N. SRA. DAS MERCÊS (AMARELO)
1 Antônio Alencário
2 Rosalir dos Santos
3 Cristóvão R. Luiz

CATUPÉ SANTA EFIGÊNIA (PRATA)
1 Saulo Souza Junior
2 Samuel Torres
3 Ricardo Alves

CATUPÉ N. SRA. DO ROSÁRIO (AMARELO)
1 Carlos Francisco Rosa
2 Leonardo Rosa Santos
3 Altair Oliveira
4 Marcelo Antônio Jesus

CATUPÉ SÃO BENEDITO (AZUL)
1 Valdivino Rosa
2 Divino Espírito
3 Sérgio Augusto

Terno do Pêscoço
1 Sérgio de Azeite
2 Sérgio de Azeite

Vilão:
VILÃO 2 NOSSA SRA. DE FATIMA
1 Euripedes L. Severino
2 Alessandro Severino
3 Paulo Alex
4 Tiago Severino

VILÃO SANTA EFIGÊNIA
PATRONO - LÁZARO COELHO
1 Fábio Pereira de Costa
2 César Arraço

Moçambique:
MOÇAMBIQUE MAMÊ DO ROSÁRIO
1 Diogo Gonçalves de Resende
2 Matheus Alves Messias
3 Fabrício Alves
4 Clayton Cândido

MOÇAMBIQUE CORAÇÃO DE MARIA
1 Antônio Carlos Ribeiro
2 Wellington Assunção Ribeiro
3 Wellington A. Ribeiro
4 Leandro Barbosa

Terno Visitante:
CATUPÉ FILHO DO ROSÁRIO (GOIÂNIA)
1 Elcio do Rosário Neto
2 Wellington do Rosário



Figura 21: Acervo Pessoal da autora Daniane Moreira Manoel 2018

A festa também tem seu lado profano que é uma feira, a “feirinha” onde barracas são montadas por vendedores de artigos diversos, que vem de toda parte do país e ficam até a festa terminar para comercializar vestuário, sapatos e uma variedade de itens. É comum ouvir pessoas da cidade e entorno se convidando umas as outras para “barracar”. O setor para alimentação também é tradicional e fica cheio sempre.

No último sábado da festa acontece a **levantação dos mastros** de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Nesta atividade os terços de congos saem em cortejo ainda sem a farda dirigindo-se a casa do mordomo da bandeira.

Em seguida a bandeira dos dois santos homenageados seguem pelas ruas da cidade até chegar a igreja de Nossa Senhora do Rosário. Este cortejo é seguido por fiéis que carregam velas acesas e seguem em oração. Ao chegar a igreja, após a missa campal, as bandeiras são colocadas nos mastros e estes são erguidos, demarcando oficialmente o **espaço de devoção**.

No domingo os Congadeiros saem fardados com suas vestes coloridas, cantando e tocando seus instrumentos, levando a alegria para os moradores de Catalão.

O terno de Moçambique é responsável por **conduzir o reinado** (pois em uma das versões contadas aqui, foi o Moçambique que conseguiu retirar a santa da gruta onde estava).

Brandão (1985) buscando descrever esse momento o fez assim:

” um terno de moçambiques passou pela casa dos reis do congado e os escoltou também ao mesmo Centro Comunitário. O par real, agora com roupas “do reinado”, entra no cortejo acompanhado de seus quatro filhos, vestidos como “príncipes e princesas”. (p. 25)

Ainda no domingo, as 10:00 da manhã, acontece a **missa campal** para a congada, na qual todos os ternos de congos e o reinado participam, é uma missa muito linda, a congada canta e toca seus instrumentos num ritmo que envolve todos os presentes, é como se o céu se unisse a terra num momento de louvor e devoção.

À noite há uma **procissão** onde os devotos da santa pagam suas promessas. É comum ver muitos deles percorrendo o caminho descalços, crianças vestidas como anjinhos e muitos carregando objetos como terços, cruzes e outros. O caminho percorrido é longo, e todos seguem num compasso que se fosse coreografado não sairia tão perfeito. O som da oração que sai dos lábios de cada devoto, ecoa em nossos ouvidos e nos levam ao encontro de Nossa Senhora do Rosário, que ouve cada pedido de ajuda e agradecimento por graça recebida.

É impressionante o número de fiéis que a festa atrai durante os dias de festejo, pode se observar o quão grande é a devoção e a fé das pessoas. Algumas pessoas vêm de longe para pedir ou agradecer alguma graça concebida ou desejada.

Já na segunda feira é o dia da **entrega da coroa**. Os ternos se reúnem novamente no largo do rosário e em cortejo seguem rumo ao palanque, que nos dias atuais é montado na praça central da cidade. Ali aguardam os próximos festeiros para receberem a coroa relativa ao reinado do ano seguinte. É um momento de festa para os congadeiros, pois é um momento de exibição, cada terno mostra as suas coreografias, e alguns querem fazer mais bonito que os outros. Outros ternos só querem mostrar a sua devoção a Santa.

Durante o cortejo, uma multidão de pessoas surge ao longo do percurso para verem a congada passar. Os congadeiros ficam de olhos atentos na multidão para ver se acham alguém

conhecido, um familiar, um amigo. A família do congadeiro, que não está dançando na congada, escolhe o melhor lugar, para quando seu ente querido passar eles possam gritar e pular fazendo aquele alvoroço. A festa se encerra com a entrega da coroa para os próximos festeiros e quando a coroa é entregue a tristeza aparece no rosto de cada congadeiro, que lembram que agora a festa é só ano seguinte.

1.2.2 MUSICA E CORPOREIDADE: ELEMENTOS A PARTE

Uma das principais características que distingue um terno de congo de outro são os cânticos e a maneira de dançar. Cada terno tem um estilo de música diferente de outro. Por exemplo o terno de Moçambique costuma cantar músicas mais religiosas ou referente a trajetória da luta do negro.

*Ô ô sabiá,
Acordei cedo para ouvir você cantar,
Moçambiqueiro abençoado,
60 anos esse terno é coroado. (Bis)*

*Nego, nego,
Nego de Angola,
Nego, nego,
Moçambiqueiro de Nossa Senhora. (Bis)*

As músicas que de conteúdo religioso são mais cantadas quando se está em cortejo para levar os andores dos santos e quando se está em volta da igreja, indo para missa campal. Os outros estilos de musicais são cantados nas ruas da cidade ou fazendo alguma visita a população. Nesse sentido, seguem o modelo abaixo;

*Eu fui no passo da Ema,
Eu fui no passo da Ema,
Siriri, Siriri, Sariema! (BIS)*

*A folha do coqueiro,
Não balança mais
Eu quero te deixa,*

Mais eu não tenho coragem. (Bis)

Carreiro, carreiro,

Como chamava seu boi,

Meu boi chamava saudade,

Saudade daquele que se foi. (Bis)

É na rua debaixo,

É no fundo da horta,

A polícia me prende olêlê,

Bandeirinha me solta. (Bis)

Para cada batida de instrumento muda a coreografia. Algumas variações de batuque exigem um modo diferente de dançar. Há um batido mais lento, como se as caixas lamentassem algo e outro compasso mais rápido como se tivessem que exprimir toda alegria que o momento proporciona.

Carmo & Mendonça (2008) afirmam que a música, como registro de momentos importantes para o grupo, é mais uma das inúmeras possibilidades que a prática social das congadas traz em suas dinâmicas, assim algumas músicas ouvidas durante a festa são muito conhecidas e quando tocadas a multidão acompanha num coral livre e espontâneo.

Dos ternos de catupé as músicas mais conhecidas trazem os trechos abaixo:

“Eu sou um africano,

Eu vim para o Brasil contra a vontade

Trabalhar na escravidão

De dia de noite Sem poder ter liberdade”. (Bis)

Oh, meu São Benedito,

Hoje eu vi a sereia no mar. (Bis)

Eu deixei o meu barco na água,

Meus irmãos me ajudem a rema. (Bis)

Os ternos de catupé relembram a história de um passado sofrido, de uma identidade roubada, de uma liberdade que lhe foi tirada sem piedade. Um trabalho árduo, sem folga, repleto de castigos.

Do terno Moçambique uma música muito cantada é;

“Um sorriso negro,

Um abraço negro,

Traz felicidade,

Negro no congado,

Negro abençoado,

Negro a raiz da liberdade”.

Cantar uma música como a descrita acima, significa superação, sorrir em tempos de dor, estar na congada no meio dos seus e da sua cultura, traz felicidade e liberdade, e acima de qualquer coisa ter as bênçãos de Nossa Senhora do Rosário considerando o mais abençoado entre os homens.

Ao ouvir as musica entoadas pelos ternos descobrimos porque os dançadores dizem que sentem como se revisitassem o passado de seus ancestrais, mesmo que não estiveram nas senzalas, mesmo que não sentissem a dor das chicotadas. Para estes estar ali cantando e ouvindo as histórias de sofrimento e superação de seus antepassados ainda traz dor, mas ao mesmo tempo traz um sentimento de vitória pelos escravos terem conquistado sua liberdade.

2.6. CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

O objetivo deste capítulo foi explicar as congadas em profundidade e riqueza descritiva e histórica pois é protagonista deste texto. Pelo apresentado vemos que não é uma manifestação simples de ser entendida, possui muitos sentidos e um funcionamento complexo cheio de rituais e simbolismos.

Na festa do Rosário os negros são incluídos como parte do núcleo de sua estrutura, havendo uma ordem que reúne todos os rituais em uma unidade de culto e festejo a Nossa Senhora do Rosário.

A população negra da cidade e das cidades vizinhas participam intensamente de toda a festa, considerando o Congado e a Irmandade coisa dos negros.

É no congado que o dançador permite se entregar ao lúdico, assumindo funções que em sua vida cotidiana não seria possível, como por exemplo, a estudante do ensino médio que agora

é rainha da congada, o secretário da prefeitura que se torna general, o pedreiro ou o professor que comanda o terno na função de capitão o qual todos do terno devem obediência. Nas palavras de Prado (2003)

A dança e a devoção representam dois momentos importantes no âmbito da transfiguração na festa da congada. Na dança, a transfiguração ocorre quando os sujeitos se transformam em personagens e imitam: o rei, a rainha, o general, o capitão, os dançadores, as bandeirinhas, buscando uma unidade no significado da congada. (Pg. 39)

O capítulo revela como os saberes sobre a congada estão ainda mantidos na oralidade, á nets pesquisa e outra recentemente conhecimentos de congadeira e de congadeiros colhidos ao longo de décadas e que até hoje não haviam sido socializados. Tais iniciativas indicam a pertinência de elaborações dessa natureza como um passo para o objetivo central. É preciso agora chegar ainda mais perto das congadas. Fazê-lo na perspectiva de congadeiros e professores.

Congadeiros-professores. Os sujeitos e suas narrativas protagonizam o terceiro capítulo.

CAPÍTULO TRÊS

PROFESSORES CONGADEIROS E SUAS NARRATIVAS SOBRE AS CONGADAS

3. INTRODUÇÃO

O objetivo deste capítulo é apresentar os sentidos (compreensões) sobre as congadas catalanas sob a perspectiva dos professores congadeiros. Através de suas narrativas é possível descobrir o lugar que a manifestação ocupa em suas vidas e, sobretudo, o lugar que ocupa em suas vidas de professores que se faz predominantemente na sala de aula, na escola.

A importância de descolonizar os discursos e assumir-se enquanto sujeitos e protagonistas de conhecimento acerca da congada, das manifestações culturais da cultura afro-brasileira.

Um dos caminhos para a sua realização poderá ser o desenvolvimento de uma escuta atenta, por parte dos educadores e das educadoras, ao que os negros e as negras têm a dizer sobre as suas vivências dentro e fora dos muros da escola.

Enxergar a perspectiva de produzir os materiais e artefatos para se afirmar e demarcar a congada como expressão cultural inserida na sala de aula.

Projeção do desafio de registro e produção de um conhecimento que se encontra marcada pela tradição oral, cujos registros são majoritariamente fotográfico. Transpor essa fronteira e dar forma a sistematização dessas práticas e das experiências na conceituação no campo cultural e religioso. Esse exercício é necessário no sentido de empreender a escrita, os registros formais e a organização dos materiais pedagógicos de suporte ao professor e à escola.

3.1. OS PROFESSORES-CONGADEIROS

A festa do Rosário em Catalão reúne várias pessoas de todas as etnias e classes sociais. O que antes era uma festa só dos negros hoje acolhe todos que queiram participar, seja por tradição familiar, seja porque um amigo ou vizinho dança ou seja por conta de pagar uma promessa. Há diversos motivos para as pessoas participarem dos festejos de Nossa Senhora do

Rosário, há várias fardas que separam cada terno de congo, mas a fé e a devoção pela Nossa Senhora une a todos.

Dentre estas várias pessoas, chamamos a atenção para um grupo específico, o dos professores-congadeiros, professores estes que atuam na educação, seja na rede privada ou pública, e que dançam congo.

Assim, para participar deste estudo, o requisito escolhido foi que os entrevistados fossem congadeiros e professores atuantes na área da educação. Na procura dos participantes, somente homens se propuseram a colaborar com a pesquisa, por isso todos os 4 entrevistados são homens.

“Capitão”

Rapaz branco, com mais ou menos um metro e setenta, cabelos negros e de fala tranquila. A princípio, quando o encontramos na rua, no terno ou em outras ocasiões, mostra-se uma pessoa extrovertida, mas se tratando da entrevista teve suas reservas, o sorriso que outrora se encontrava em seu rosto deu lugar a seriedade, ficou pensativo. A cada pergunta, uma expressão diferente, ora sorria ao lembrar da doce infância na casa da vó, na qual teve seu primeiro contato com o terno que iniciou sua vida como congadeiro, ora um olhar de indagação ao falar se em sua vida escolar teve alguma disciplina que ensinou algo sobre a história do povo negro ou sobre a congada e, como a própria expressão da face já indicava, a resposta foi não, uma ou outra vez, mas nada com aprofundamento.

A cada pergunta sua postura era analisada, uma mudança na posição que estava sentado, um olhar de quem visitava o passado, às vezes era bom, às vezes era vago. Ao final da entrevista, o velho capitão voltou à tona, ficou mais comunicativo e sorridente.

Chamaremos de “Capitão” (porque é a função ocupa no terno em que participa) esse professor de 29 anos que atua da rede municipal de ensino de Catalão. Filhos de pais brancos, é formado em filosofia e dança na congada desde os sete anos de idade. Começou dançando no Catupé Amarelo, Catupé Nossa Senhora das Mercês. Sobre a entrada na congada, tem como destaque a avó. Nas palavras de Capitão: “era próximo a minha vó, então a gente tinha um carinho, tinha a facilidade pela proximidade da casa da minha avós, então dancei no Catupé desde os sete anos.”

De pronto, confirmamos que o congado é “coisa de família”, algo esperado já que sabemos que grande parte dos dançadores de congo estão na congada por ser uma tradição familiar. Alguns ternos de congo são constituídos, em sua maioria, por familiares: avós, primos, tios e pais. Como explica Goldani (2002), a família se mantém como uma importante instituição formadora de valores, atitudes e fonte de suporte material e efetiva para seus membros.

Neste ano de 2018, o capitão completa 11 anos a frente do terno. Percebe-se em seu relato o orgulho de se tornar capitão. Isso se deve ao fato de que, na maioria das vezes, o cargo de capitão é hereditário e no caso dele o capitão anterior do terno o escolheu sem a existência do parentesco. Uma boa parte dos dançadores de congo manifestam essa vontade de se tornarem capitão.

“Moçambiqueiro”

Moço esperto e que gosta de uma boa conversa. Moreno dos olhos escuros, traz consigo uma enorme devoção a Nossa Senhora do Rosário. Sua fala sempre sorridente demonstra grande satisfação em falar da sua profissão como docente e como é ser congadeiro. Um mar de risadas ao contar de suas experiências no congado, mas quando o assunto é se a cultura negra entra na escola, a expressão muda, fica sério e pensativo, a resposta é não, em sua vida escolar não se ouvia falar em história da população negra, assunto raro, comentado às vezes no dia da consciência negra. Voltando as perguntas boas que eram questões relacionadas sua vivência na congada, respondia: “olha, chego de arrepiar quando lembro disso”.

Ao observa-lo no dia da Festa do Rosário dançando no terno a que pertence, era como se uma luz iluminasse seu caminho, sua alegria contagiava a todos e sua fé parecia inabalável. E na despedida do terno, ao final da festa, as lágrimas tomaram conta do seu ser, agora só resta esperar a festa no ano seguinte.

Chamaremos de “Moçambiqueiro” (porque o terno em que participa é o Moçambique Mamãe do Rosário) o professor que tem 26 anos, filho de mãe branca e pai negro, professor da rede privada de ensino de Catalão. Formado em Letras Português/Inglês, começou a dançar porque era uma tradição familiar vestir as crianças para a festa. No início, dançava meio sem se dar conta da importância que a família dava a festa. Rememora:

[...] na minha família, minha vó tem a tradição de sempre quando somos crianças pequenas ela sempre tem a função de nos vestir em algum terno e sempre vestia no terno que fica situado no bairro dela, que é no bairro São Jose, que era o Catupé são benedito, que é o Catupé azul. Sempre vestia os

netos, assim os netos homens no caso, vestia nesse terno pra dançar, mas como eu tinha 3 anos de idade a gente só “acompanhava” porque a gente não sabia nada das evoluções nem catingas nem nada.

Moçambiqueiro dançou aos três anos de idade e depois parou. Somente em 2012 voltou a dançar a convite do capitão do terno no qual dança até os dias atuais. Quando relata que é dançador e identifica seu terno, sentimos um contentamento na sua expressão facial em dizer que pertencia àquele terno. Ao lembrar a festa, transportou-se imediatamente aos momentos de ensaio, os dias de fardar (quando estão com seus trajes de festa).

“Capitão Júnior”

Com seus vinte e poucos anos, quase não gosta de falar. Rapaz de descendência afro-brasileira de pele clara, sorriso encantador, olhos claros que veem além do que enxergamos. No trabalho sempre está sorrindo e vejo que as crianças o adoram, tem um jeito especial de falar com elas.

Ao longe, observa-se seu comportamento no terno que participa, como é um dos capitães, possui voz firme ao comandar os dançadores, mas nunca deixa de lado um sorriso encantador e satisfatório, parece se sentir feliz naquele meio. Como eu já dizia outrora, “no meio dos meus”, no caso dele no meio dos seus familiares e amigos.

Na entrevista, seu comportamento foi diferente. A cada pergunta feita, procurava responde-las com o máximo de rigor possível, buscando palavras corretas para que nada saísse errado. A formalidade acompanhou toda entrevista, resposta curtas eram dadas, sem entrar em detalhes. Entretanto, foi um dos entrevistados que forneceu o plano de aula pedido para complementar a pesquisa.

Chamaremos de “Capitão Júnior” (por sua função no terno que participa, ser o capitão e por ser jovem acrescentamos o Júnior) o professor que tem 24 anos, filho de mãe branca e pai pardo. É graduado em Letras Português/Inglês e terminou o mestrado em estudos da linguagem recentemente. Trabalha na Universidade Federal de Goiás e começou a dançar congo por ser uma tradição de família, pois o terno em que dança foi fundado por seu avô.

“O Sanfoneiro”

O último professor congadeiro a ser apresentado será chamado aqui de “Sanfoneiro” (por ser tocador de sanfona no terno que participa). Este tem 32 anos e é filho de pais brancos. É graduado em Musicoterapia com pós-graduação na área da educação musical e educação especial.

Professor e congadeiro, faz um trabalho incrível na escola onde trabalha, desenvolve no final do ano um projeto relacionado a musicalidade e a congada. Pode ser encontrado nas suas redes sociais, vídeos musicais que compôs sobre a cidade e sobre a congada.

Sanfoneiro não passa despercebido em nenhum lugar, pois é um homem de estatura alta e, por isso, se destaca entre os demais dançadores do seu terno. Com a sanfona em mãos, a música parece ganhar vida e, combinada ao som das caixas, a alegria se espalha e contagia a todos os dançadores.

Seu relato está carregado de valores culturais, valores estes que aprendeu com os irmãos do rosário, valores que quer passar adiante para que não se percam no tempo, por isso a necessidade de trabalhar a cultura na sala de aula.

Começou a dançar congo para pagar uma promessa, mas sempre a adiava. Quando o pai de um amigo faleceu, o qual era congadeiro, este amigo lhe chamou para dançar congo e, como no terno estavam precisando de um sanfoneiro, ele aceitou o convite do amigo.

Como é possível observar, os professores congadeiros apresentam coisas em comum: a questão da família, a idade muito precoce da entrada nos ternos de congo e a valorização que dão a essa cultura.

É interessante ressaltar que dois dos professores entrevistados são filhos de pais brancos, visto que, quando se fala em congada e seus membros, a primeira imagem que vem à mente da maioria das pessoas é de quem dança congo ou está de alguma forma ligado a irmandade do rosário tem que ser negro, como o próprio capitão júnior nos afirma;

[...] agora o ser congadeiro já passei por alguns comentários tipo “nossa mas você é tão branquinho pra ser congadeiro”. Tem-se esses comentários com os próprios colegas, eu lembro que nos tempos da graduação “nossa mas você estudando congada?” Parece que pra ser congadeiro é preciso ser negro.

Todos os narradores são homens, na faixa de vinte e trinta anos. O tempo de atuação na educação varia, mas não ultrapassa dez anos de exercício profissional. Pode-se dizer que o tempo de inserção destes na congadas é equivalente e superior ao tempo de docência.

3.2. A CONGADA NAS NARRATIVAS DOS PROFESSORES CONGADEIROS

A questão central do primeiro bloco de entrevistas foi: “O que os professores sabem sobre as congadas e de onde vem esse conhecimento?”

Nos relatos e narrativas dos professores congadeiros, o conhecimento sobre as congadas advém de relatos de velhos congadeiros, os quais trazem de seus ancestrais a sabedoria sobre a congada. Temos trechos das narrativas de cada entrevistado para apresentar.

Eu sempre gosto de, de pesquisar, de estudar, de conhecer, mas basicamente, assim, aquilo o que eu sei sobre a congada é algo que foi passado, é dos antigos capitães de pessoas da irmandade que são amigas e que sempre nos contam tais histórias. (Capitão)

Nesta narrativa o destaque ao ancestrais, aos congadeiros mais antigos. O mesmo se repete o depoimento de Moçambiqueiro e de Sanfoneiro como veremos abaixo.

[...]além de conversas indiretas com pessoas que tem forte envolvimento dentro da congada e também com as pessoas que me deram a entrevista como a Dona Benedita que foi a primeira bandeirinha, apesar da memória muito lapsa, memória muito fraca, mas falou muitíssimas coisas importantes para o meu trabalho, então tirei daí dessas pessoas e também de alguns autores. (Moçambiqueiro)

Eu procurei com os mais velhos do terno, li um pouco a respeito, sei que a festa veio de Minas Gerais pra cá, um senhor que trouxe pra pagar uma promessa, e sei de alguns fatos relacionados a igreja do Rosário que na verdade ela foi rebaixada pra capela do Rosário então tem várias histórias que procurei saber, os costumes, o porquê que se anda de costas em encruzilhadas, então eu procurei saber e entender o que estava inserido no processo das congadas. (Sanfoneiro)

Entretanto, o conhecimento que estes professores constroem sobre as congadas é incrementado ou ampliado a partir de pesquisas realizadas. Alguns salientam que essa pesquisa aconteceu quando estavam num processo de elaboração de suas dissertações de mestrado, como é o caso de Moçambiqueiro e do Capitão Júnior. Eles relatam:

[...] como também tive a oportunidade de na minha graduação, fiz graduação em letras, pela universidade Federa de Goiás, aqui em Catalão, no meu trabalho de conclusão de curso estudei a tradição e o espetáculo que há dentro da congada de Catalão, nesse estudo pude aprender um pouquinho, já na pós-graduação busquei estudar mesmo o surgimento dessa festa, de onde surgiu, porque surgiu, e como surgiu (Moçambiqueiro)

Então, por exemplo, com relação a história da congada, os fundamentos históricos, o contexto como que surgiu, eu me embasei no meu trabalho tanto de conclusão de curso como do mestrado, no livro do Macedo, aquele jornalista Robson. (Capitão Júnior)

O Capitão e o Sanfoneiro obtiveram informações sobre a congada através dos velhos congadeiros e de pessoas da irmandade Nossa Senhora do Rosário. Um saber que vem do povo, não um saber sistematizado como afirma o Moçambiqueiro e o Capitão Júnior saber. Mesmo que soubessem da história da congada, do seu surgimento pelas narrativas de velhos congadeiros, o Moçambiqueiro e o Capitão Júnior, por também serem pesquisadores, procuraram esse conhecimento nos livros e, com a ajuda de alguns autores, puderam ter um entendimento maior sobre essa cultura.

Observa-se que gradativamente, a abordagem acadêmica do tema congadas sob diferentes olhares e aspectos, vem despertando a atenção de estudos acadêmicos, na medida em que os sujeitos agentes e protagonistas acessam o ensino superior e ocupam atividades de pesquisas. Nesse sentido, é fundamental apontar que a visibilidade do tema, assim como a organização de fontes e a devida sistematização, ganha novos arranjos e feições. Possivelmente essas contribuições, tendem no conjunto, a potencializar as expectativas de produção de material didático para a escola e a sala de aula.

Pelos depoimentos dos sujeitos narradores, os professores congadeiros aparentam pertencer a uma fração de classe média, de etnia mista branca/preto, branco/branco, branco/pardo. São trabalhadores do ensino, vinculados as redes privadas e públicas e se organizam financeiramente por meio do salário percebido. Integram a congada por tradição familiar e por devoção, conforme atestam os seus depoimentos. De tradição crista católica, a congada faz parte da vida pessoal e familiar. Pode-se dizer que abrilhantam com suas vivências, uma nova geração de congadeiros dos tempos modernos, beneficiados pelo abertura da tradição que atualmente já admite mestiços e brancos na formação dos ternos da congada.

3.2.1. LEMBRANÇAS DOS TEMPOS DE ALUNO: CONGADAS DE CALENDÁRIO

Lembrança parte do pressuposto de uma presença efetiva na escola. Aciona-las significa demarcar um espaço e um lugar onde as lembranças ocorrem

Moçambiqueiro manifesta, a partir de suas lembranças, a percepção da ausência da congada e outros temas de matriz africana. O termo “alguma coisa” reforça a dificuldade em se lembrar de algo. Ele diz:

Olha, pra te falar a verdade eu não tenho recordação disso, não se tinha ou se tinha, eu acho que tinha às vezes. Podia acontecer de ter uma confraternização, ter um samba que refere a essa cultura afro, mas assim, propriamente às vezes eu acho que não lembro se também quando eu fazia ensino médio tinha alguma coisa, algumas coisas relativas a congada, mas eu não me recordo sabe eu penso que assim, naquela época que eu estudava era muito pouco, muito pouco falado, muito pouco inserido na escola. (Moçambiqueiro)

Capitão Júnior, assim como Moçambiqueiro, expõe a ausência deste tipo de conteúdo ao relatar que “em nenhum momento, desde os tempos que estudava na escola regular, nunca teve nada sobre isso”. Surpreendentemente, quando consegue se lembrar deste tipo de atividade, indica como data o 20 de novembro e não o mês de outubro como esperávamos. Ele relata:

Meu tempo de escola, a única data que celebrávamos era o 20 de novembro, mas muito superficial que era o dia da consciência negra, que era assim

algumas apresentações, algum momento da importância de sermos conscientes em relação ao racismo, algo mais superficial somente nesta data. (Capitão Júnior)

Observamos que a não presença da congada marca as trajetórias escolares dos entrevistados.

Em Gomes (2002, p. 41), verificamos o quanto a presença da cultura afro-brasileira é importante nas trajetórias escolares devido ao processo de construção da identidade negra. É lamentável quando é apresentada de forma distorcida ou estereotipada, ou seja, “reforçando estereótipos e representações negativas sobre esse segmento étnico/racial e o seu padrão estético”.

Nossos entrevistados registram também as lembranças de que havia e há, ainda, a ideia não explicitamente verbalizada de que congada é “coisa de preto”. Associar a congada à identidade negra ou a negritude seria um exemplo do expediente explicado por Munanga (2009).

tanto a definição de identidade negra quanto a de negritude apesar de se referir à ordem biológica, estrutura-se primordialmente na ocorrência desumana das tentativas de aniquilar a cultura africana ou mesmo no fato de considerá-las inexistentes. Lembremos que, nos primórdios da colonização, a África negra foi considerada como um deserto cultural, e seus habitantes como o elo entre o Homem e o macaco.

Sanfoneiro mostra uma perspectiva de que a congada seria um tema articulado com a parte musical-cultural, portanto, já a situa como tema mais alinhado a área musical. Ele conta que “quando criança não, quando criança a gente não tinha muito incentivo na parte musical cultural não, pelo menos na minha época de estudante, na época da faculdade também não [...]”.

Pelas entrevistas, descobrimos que todos os participantes da pesquisa cursavam o ensino médio quando a Lei 10.639/03 já estava em vigor e, mesmo assim, quase não tiveram contato com nenhum conteúdo escolar que envolvesse cultura afro-brasileira, a não ser o raro momento que se recordam do dia da consciência negra, mas tudo tratado rapidamente.

É lamentável que, ainda hoje, situações como esta acontece em várias escolas do Brasil, seja por causa do docente que não tem formação adequada para trabalhar com o assunto, seja pelo fato de não ter respaldo escolar por parte dos diretores e agentes envolvidos com educação da população, como também a falta de material didático. Temos tantos materiais a serem trabalhados na literatura, na música, entre outros. Como exemplo, temos o samba no carnaval, o qual é um conteúdo riquíssimo acerca da história do negro e a congada que está tão próxima dos alunos de Catalão.

Tal constatação pode ser um indicativo de que o movimento social negro no qual a lei 10639/03 se consolidou no plano federal, estendido aos estados e municípios, não dialoga diretamente com a organização da congada e vice-versa. Contudo, o despertar para essas aproximações e possibilidades traduz um desafio dos professores congadeiros, considerados protagonistas de tais sistematizações.

Ao produzir e sistematizar narrativas, acionando novos referentes a propósito de temática, com vasta cultura e conhecimentos que precisam adentrar o espaço da escola.

Contudo, quando chega a ser trabalhada é superficialmente, como consequência, os alunos nem se recordem do que foi aplicado sobre cultura africana ou afro-brasileira.

A partir desses relatos, os questionamentos se voltam para saber o que está acontecendo com a prática escolar. Se no currículo o ensino de histórias e culturas afro-brasileira é obrigatório, como este ensino não chega nas salas de aulas?

Nesse sentido, Arroyo (2011) nos aponta que é dever dos docentes abrir os currículos para enriquece-los com novos conhecimentos e garantir o seu próprio direito e o dos alunos a uma rica, atualizada e diversa produção de conhecimentos e de leituras e significados.

3.2.2. REFLEXÕES DOS PROFESSORES CONGADEIROS SOBRE A CONGADA NA ESCOLA NOS TEMPOS DE HOJE

Nossa intenção com o bloco das reflexões dos professores congadeiros sobre o que fazem nas escolas tendo como tema as congadas, partiu de um pressuposto pinçado de Gomes (2002, p. 43), o qual afirma que:

A maneira como a escola, assim como a nossa sociedade, vê o negro e a negra e emitem opiniões sobre o seu corpo, o seu cabelo e sua estética deixa marcas profundas na vida desses sujeitos. Muitas vezes, só quando se distanciam da escola ou quando se deparam com outros espaços sociais em que a questão racial é tratada de maneira positiva é que esses sujeitos conseguem falar sobre essas experiências e emitir opiniões sobre temas tão delicados que tocam a sua subjetividade.

Preocupados com essas consequências e com a própria valorização das congadas, perguntamos aos professores congadeiros sobre o que realizam em suas práticas que tenha como eixo as congadas.

Capitão, que é professor da educação infantil, consegue, em suas aulas, trabalhar essa cultura com músicas do congado ao cantar e batucar com as mãos e, desta forma, as crianças aprendem brincando e gostam do que é ensinado. Contudo, Capitão tem a preocupação de não

cantar músicas que se referem a religião, pois há alunos que pertencem a religiões variadas e algum pai pode se sentir ofendido com alguma canção. Capitão se vê na posição de levar essa manifestação cultural a outras gerações e começa com seus alunos. Ele encontra na música a melhor maneira de chamar atenção dos pequeninos. Ele diz: “[...] assim, com a minha presença, por eu ser capitão, eu introduzo músicas e as crianças conseguem acompanhar”.

Há uma questão colocada que é a forma como na escola a falta de infraestrutura empobrece a experiência de fazer ou assistir as congadas. Também parece haver, por parte da escola, uma rejeição aos instrumentos “de batuque”. Foi possível notarmos isto quando Capitão conta como tenta trabalhar com as congadas introduzindo “não batido de instrumentos, mas através das palmas uma, uma, um processo rítmico relacionado ao bater das caixas da congada”.

Aos poucos fomos constituindo condições para leituras de censura ou pouca vontade da escola em relação a congada, que se fortalecem quando Capitão, questionado sobre o uso músicas (letras), dá pistas de uma seleção de horário e teor das letras influenciada pela questão religiosa. Em sua resposta ele narra que trabalha na:

musicalização também através dos versos da congada que eu insiro nos momentos de oração, nos momentos assim, nas minhas aulas mesmo estando em sala de aula ou não. (Capitão)

Moçambiqueiro se sente muito à vontade para tratar de questões educacionais. Ser professor de Língua Portuguesa parece contribuir com a inserção da congada na sala de aula.

Moçambiqueiro explica como faz isso ao contar que “particularmente na maioria das minhas aulas, porque eu dou aula dentro da língua portuguesa, eu dou aula de produção de texto”. É um território de usos mais possíveis e menos angustiantes. O mesmo não se replica quando os temas se voltam a questão do negro, do racismo e assuntos de mesmo fulcro. Nestes momentos, a congada surge como comentário. O trecho abaixo revela a diferença de uso da congada pelo Professor Moçambiqueiro.

Às vezes, quando surge um assunto sobre consciência negra, sobre algum racismo sobre a África, às vezes eu insiro um pouco do comentário sobre a congada. (Moçambiqueiro)

Sanfoneiro é o único professor congadeiro que revela, nas narrativas, pautar uma ação mais planejada e faz na escola um terno de congo, ao explicar que;

Eu sempre, no final do ano quando a gente desenvolve trabalhos que tem a ver com cultura afro, eu faço um terno de congo com os meninos e tento explicar que é forma cultural.

Ao promover a realização do terno na escola, ele permite a reconstrução de uma corporeidade negra pouco permitida, marcada por cadenciado, molejo e movimentos

semelhantes aos da umbanda. A não permissão da congada ou seu “esquecimento”, pode ser explicada por Gomes (2002, p. 45), a qual sugere que:

A escola impõe padrões de currículo, de conhecimento, de comportamentos e também de estética. Para estar dentro da escola é preciso apresentar-se fisicamente dentro de um padrão, uniformizar-se. A exigência de cuidar da aparência é reiterada, e os argumentos para tal nem sempre apresentam um conteúdo racial explícito.

Oportuno expor a continuidade do pensamento de Gomes (2002, p. 45), pois externaliza os expedientes escolares da censura ou das projeções distorcidas sobre o negro e sua cultura. Sinaliza que:

Muitas vezes esse conteúdo é mascarado pelo apelo às normas e aos preceitos higienistas. Existe, no interior do espaço escolar, uma determinada representação do que é ser negro, presente nos livros didáticos, nos discursos, nas relações pedagógicas, nos cartazes afixados nos murais da escola, nas relações professor/a e aluno/a e dos alunos/as entre si.

Desse modo acreditamos que não reproduzir o corpo congadeiro na escola talvez seja algo no sentido de obnubilar que:

As diferentes crenças e sentimentos, que constituem o fundamento da vida social, são aplicadas ao corpo. Temos, então, no corpo, a junção e a sobreposição do mundo das representações ao da natureza e da materialidade. Ambos coexistem de maneira simultânea e separada. Por isso, não podemos apagar do corpo os comportamentos e motivações orgânicas que se fazem presentes em todos os seres humanos, em qualquer tempo e lugar. (GOMES, 2002, p. 41)

Quando Sanfoneiro propõe um tratamento mais problematizado da congada, parece sofrer um pouco mais de resistência. O fato de fazer um terno na escola, revela o quão a manifestação é complexa quando trazida para o meio escolar. Novamente, questões de ordem religiosa estão na narrativa quando Sanfoneiro conta que “tem alunos que infelizmente não gostam de participar ou alunos que ficam doidos pra participar mais os pais proibem por questões religiosas”.

É na narrativa deste professor que surge outra dimensão da congada, a política, a qual se torna ferramenta e meio para acessar uma parcela da população no período da festa. Vejamos a fala:

Até certa vez um pai me escreveu uma carta muito bem redigida até, mas falando que não acreditava em congada e que só que participava da parte política. E eu vi foto dele em frente à Igreja do Rosário. Então assim, a gente não sabe o que realmente as pessoas fazem.

Sanfoneiro continua revelando que até mesmo a questão política pode ser trabalhada na escola. Conta que: “Mas eu trabalhei muito essa parte de congada! Até no ano passado a gente fez apresentação sim. E os pais adoram, adoram mesmo.”

Quando se refere sobre o modo metodológico que mais gosta de trabalhar as congadas, ele pensa a partir do que percebe no aluno e explica “o que eu mais faço lá quando a gente faz é misturar um pouco de congo com o vilão, que é mais fácil pros meninos pegarem”. Quando fala da mistura, percebemos em seu sorriso o significado de ser congadeiro e saber “misturar” os ternos.

Pelos relatos, é possível perceber que os professores congadeiros tentam, de alguma forma, inserir a congada na sala de aula, mas o fazem de modo melindroso, pouco seguros. Deixam claro que alguns alunos não se sentem à vontade quando se aborda a congada, principalmente quando se refere ao tema religiosidade. Por sua vez, os professores evitam falar de religião para não criar nenhum constrangimento.

A ausência do diálogo sobre a congada, tanto quanto a ausência da própria congada na escola, repercute no silenciamento de uma manifestação de origem afro-brasileira.

3.2.3. POSSIBILIDADES

Quando instigados a falar sobre as possibilidades da congada na escola, os professores mostraram receio, tristeza. Durante as entrevistas, percebemos que a questão religiosa torna a inserção da congada na escola algo marcado pelo sentimento de impotência. As narrativas produzidas vieram mais no sentido de mostrar o quanto a congada não existe na escola. Há a necessidade de dizer que não está na escola.

Quando perguntamos aos professores congadeiros sobre suas propostas para que a congada adentre os muros escolares, no qual indicam passar documentários sobre o assunto, simpósios, colóquios que poderiam ser organizados pela gestão escolar, etc.

Para Moçambiqueiro seria possível:

Apresentar para os professores, diretores fazer como se fosse uma palestra um simpósio um colóquio que levasse e fizesse lá um dia de auditório e expusesse mesmo como que é essa congada, acho que seria importante expor isso próximo a festa.

De acordo com a proposta do Moçambiqueiro, GOMES (2003, p. 169) também sinaliza como público primeiro os profissionais da educação quando afirma que:

Um dos primeiros caminhos a serem trilhados nessa direção poderá ser o da inserção, nos cursos de formação de professores e nos processos de formação em serviço, de disciplinas, debates e discussões que privilegiem a relação entre cultura e educação, numa perspectiva antropológica.

Diante dessa afirmação, devemos nos questionar, enquanto formadores de opiniões, como está sendo a nossa formação, estamos buscando novos saberes ou continuamos com aquele conteúdo morto que não evolui e passa ano ele continua o mesmo. O que queremos ensinar para nossos alunos? Ensinar o que é mais conveniente, o que já está ali para ser ministrado? Ou ir em busca de uma formação que conscientiza para tentar amenizar as questões de discriminação racial, intolerância religiosa entre outros fatores que dificultam as condições de vida da população negra?

No decorrer da pesquisa, várias perguntas como as que estão descritas acima se formaram. Entretanto, muitas ficaram sem respostas e outras nós tentamos responder aqui.

Não diferente de tantos outros professores espalhados pelo Brasil, está o professor Capitão Júnior que nunca pensou na possibilidade da congada entrar na escola, apesar de ser congadeiro desde criança, de ser uma tradição de família, não tinha parado para pensar nessa questão. “Nunca tinha parado pra pensar, a gente fica nesse ambiente de pesquisa mais não pensei sobre”. Convidado a refletir, ele segue a mesma orientação que aparece na fala de Capitão quando indica que um primeiro passo seria “fazer alguma proposta para o secretário de educação como um capitão e professor desenvolver projetos relacionado a congada na escola principalmente na rede municipal”.

Surpreendendo as expectativas, Capitão Junior, mesmo nunca tendo pensado a congada na escola, junto a Capitão, foram os únicos a apresentarem um plano de aula com uma proposta de inserção da congada na sala de aula.

Para discutirmos a questão das congadas na escola, é preciso retomar a discussão mais geral sobre o modo como a cultura negra ou afro-brasileira vem construindo esse processo. Num de seus textos, Gomes (2011, p. 100) trata deste assunto destacando que vivemos um momento de descolonização puxado ou potencializado pelo que ela chama de “demanda curricular de introdução obrigatória do ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras nas escolas da educação básica”. É um momento delicado que exige muito dos educadores. Para Gomes (2011, p. 100), o momento exige:

Mudança de práticas e descolonização dos currículos da educação básica e superior em relação à África e aos afro-brasileiros. Mudanças de representação e de práticas. Exige questionamento dos lugares de poder. Indaga a relação entre direitos e privilégios arraigada em nossa cultura política e educacional, em nossas escolas e na própria universidade.

Entendemos o sentimento dos professores que entrevistamos, pois como sinaliza Gomes (2011, p. 105):

[...] não há nenhuma “harmonia” e nem “quietude” e tampouco “passividade” quando encaramos, de fato, que as diferentes culturas e os sujeitos que as produzem devem ter o direito de dialogar e interferir na produção de novos projetos curriculares, educativos e de sociedade.

Se para os professores congadeiros as dificuldades estão presentes, para os professores que não tem domínio sobre o assunto essa dificuldade está longe de ser sanada e, dessa forma, não cumprem o que Arroyo (2011, p. 37) propõe:

É dever dos docentes abrir os currículos para enriquece-los com novos conhecimentos e garantir o seu próprio direito e o dos alunos a rica, atualizada e diversa produção de conhecimentos e de leituras e significados.

Conhecer a historicidade da população negra, a cultura local e as manifestações populares da cidade de Catalão, deveria ser parte do cotidiano de todo professor catalano, os quais deveriam pelo menos se interessar pelo assunto, para que futuramente garanta um ensino de qualidade para seus alunos e, assim, abrir novos caminhos para o conhecimento ao desmistificar histórias que colocam os negros somente como escravos do Brasil colonial.

3.2.4. SOBRE AS CONGADAS: SIGNIFICADOS

As narrativas exploraram as congadas e trouxeram grande emotividade e valor espiritual, “ali não tem dinheiro envolvido, não tem valores financeiros de forma nenhuma, todos estão empenhados em dançar para Nossa Senhora” (SANFONEIRO). Ao observar sua expressão facial na hora da entrevista, dava para ver a emoção tomar conta dos seus olhos quando mencionava Nossa Senhora.

Quando falamos de Nossa Senhora para os professores entrevistados é como se tocássemos num ponto fraco de cada um. Capitão já dizia que é uma alegria e um orgulho muito grande fazer parte da Irmandade do Rosário.

Com efeito, não basta sentir um valor imensurável pela congada, Moçambiqueiro e Capitão Junior desenvolveram pesquisas sobre esta e se aprofundaram teoricamente nos seus sentidos para compreenderem seus significados e, com isso, poderem levar a congada além da cidade de Catalão.

3.2.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Congadas: Leituras e possibilidades educativas a partir das narrativas de professores congadeiros de Catalão-GO.

Iniciamos este estudo buscando entender como a Congada se apresenta na perspectiva dos professores-congadeiros de Catalão.

Este estudo procurou analisar a história da congada de Catalão-GO, as leituras elaboradas sobre esta e a possibilidade de inserção nas escolas locais a partir das perspectivas dos professores-congadeiros, bem como compreender a importância da congada para cada um destes.

Para nós, a congada revela um leque de possibilidades educativas a serem trabalhadas na sala de aula. Trabalhar a cultura e a religião afro-brasileira é uma delas. Contudo, além da discriminação racial ainda ser fator presente na vida dos povos negros e afro-brasileiros, a questão da religião de origem africana também oferece um distanciamento para que essa cultura e religião chegue até o chão da escola.

Além dos fatores citados acima, a pesquisa revela que os docentes não estão capacitados para trabalhar esse conteúdo, visto que, nas cidades onde o movimento negro é mais forte, as intensificações das ações afirmativas têm mais força, a situação é um pouco melhor, mas, longe desses grandes centros, o professor não tem respaldo em sua formação para dar conta desse conteúdo e, muitas vezes, nem pensa em fazê-lo.

Percebe-se o exposto acima quando as narrativas revelam a princípio que as congadas fora da sala de aula são ricas, complexas, bonitas. Conteúdos vivos de ensino-aprendizagem. Toda a congada é educativa em sua historicidade, em sua transmissão. Produz debates sobre religião, gênero e cultura. Produz fruição, lazer e alegria. Mas quando chega a hora de aplicar em sala de aula, eles não o fazem, não sabem como fazê-lo e não conseguem pensar em mais de uma atividade para ministrar, porém sabemos que a culpa, em grande parte, não são deles, pois se nem na sua educação durante o ensino médio não viram nada sobre cultura afro-brasileira, quem dirá quando cursava a faculdade.

Para atingir os objetivos propostos, recorreremos aos referenciais teóricos que discutem questões como o currículo, o papel do negro na sociedade e a historicidade da festa de Nossa Senhora do Rosário em Catalão, explicitando seus rituais e símbolos.

A partir dessa compreensão, procuramos entender como a congada poderia ser inserida na sala de aula como conteúdo de ensino ao fazer uma discussão do referencial teórico e das entrevistas dos professores congadeiros.

Discutir a participação dos negros africanos nas festas religiosas católicas é discutir essa forma de resistência adotada por eles, para não deixar para trás seus costumes e tradições. Falar

da congada na escola é possibilitar que o aluno entenda que tem toda uma história por trás daqueles cânticos, das danças e dos rituais que a congada revive todos os anos.

A congada mostra as lutas dos negros escravizados pelos portugueses e seus anos de sofrimento. As músicas entoadas pelos ternos de congo relembram um passado que não será esquecido e revela uma tradição que vai passar de pai para filho durante gerações.

A pesquisa revela que a congada sofreu algumas modificações no decorrer dos anos. Fato percebido com a presença de mulheres dançando na linha (lugar esse que era ocupado somente por homens) e de um terno ser formado somente por mulheres.

Com este estudo, esperamos ter contribuído para recriar a história do negro e da congada e dar espaço aos professores-congadeiros para dividirem suas vivências e proporem questões a serem trabalhadas na sala de aula.

Sobre as congadas de Catalão, conclui-se que representa uma manifestação cultural de etnia negra, a qual é uma das mais puras formas de resistências da memória desse grupo negro no Brasil por meio da religiosidade. Em todos os seus aspectos é linda e interessante de ser estudada e isto pode ser comprovado pelos discursos dos participantes da pesquisa e pelas imagens apresentadas.

Enquanto objeto de pesquisa, a congada nos aponta uma fonte inesgotável a ser explorada por várias vertentes de estudo.

O que fica de distintivo nas possibilidades é a abertura e acolhida para abordar a temática na riqueza de características e traços culturais que a congada representa e potencializa. Mais que o cumprimento de um dispositivo legal, há um espaço a ser preenchido na escola, sem concorrentes. O que falta de fato são instrumentos pedagógicos e disposição de projeto que permita tais intercâmbios.

Essa pesquisa é, ao mesmo tempo uma discussão e um produto que poderá indicar as vias de inserção de cultura afro-brasileira no espaço da escola, sendo potencializada a partir de sujeitos que se identificam com a congada, dispõem dos artefatos culturais e dos dispositivos simbólicos referenciados para a efetiva inserção desses referenciais no currículo escolar e nas práticas pedagógicas.

Transformar as definições, conceitos e características que identificam a congada e seus sujeitos em material didático pedagógico, produzido por sujeitos que vivenciam e dispõem de autoridade cultural para se manifestar a respeito da congada é um passo significativo para de fato promover a inclusão da cultura africana na sala de aula. Os professores não identificados

com movimentos culturais ou religiosos precisam do porte necessário para abordar tais discussões na escola e na sala de aula.

4. REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Currículo, Território em Disputa**. Editora Vozes 2011 2º edição Petrópolis, RJ ADAMI, Humberto. Lei 10639/03. Acesso em <26.03.2007>Disponível em <http://. www.adami.adv.br/lei

BARBOSA, Milton. **Movimento Negro Unificado: 39 anos de luta**. 2005.
<https://medium.com/@expressaopopular/movimento-negro-unificado-39-anos-deluta-7a639de67c93>.

BARDIN, L. L' **Analyse de contenu**. Editora: Presses Universitaires de France, 1977. _____
Análise de conteúdo. SP: Edições 70, 2011

BARROS, Karla Alves Coelho Tertuliano de. **Educação E Ingênuos Em Goiás 19871-1988**.
<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5412>. 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A festa do santo de preto**. Ed. UFG, 1985.

BRASILEIRO, Jeremias. **Cultura Afro-brasileira na Escola: O Congado em Sala de Aula**. São Paulo: Icone editora, 2010.

CARMO, Luís Carlos do & Marcelo Rodrigues Mendonça. **As Congadas de Catalão: As relações, os sentidos e valores de uma tradição centenária**. Catalão: Modelo, 2008.

CAMPOS, Maria das Dores. **Catalão estudos histórico e Geográfico**. 1979.

DELORY, Cristine Momberger. **A condição biográfica, ensaios sobre narrativa de si na modernidade avançada**. Ed. Edufrn. Natal 2012

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: história, tendências e dilemas contemporâneos**. 2008. <http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2485>

FONTE: REVISTA O CONGADO, 2014

GARCIA, Carlos Marcelo. **El pensamiento del profesor**. Barcelona: CEAC, 1987 PÉREZ

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan. 1989

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações sociais no Brasil: uma breve discussão**. In: Brasil. MEC/SECAD. Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal n.º 10.639/03. Brasília: MEC/SECAD, 2005. (Coleção Educação Para Todos). Disponível > <http://www.forumeja.org.br> <

GOMES, Nilma Lino. **Educação de Jovens e Adultos e questão racial: algumas reflexões iniciais.** In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma Lino (Orgs.). Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
 GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes.** doi:10.5007/2175-7984.2011v10n18p133

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003

GÓMEZ, Angel. **O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo.** In: NÓVOA, Antonio. Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1997. PÉREZ GÓMEZ, Angel; SACRISTÁN, J. Gimeno. Pensamiento y acción em el profesor de los estúdios sobre la planificación del pensamiento del profesor.

GOLDANI, Ana Maria. **Família, gênero e políticas: famílias brasileiras nos anos 90 e seus desafios como fator de proteção.** Revista Brasileira de Estudos de População, 2002, 19.1: 29-48.

GOODSON, Ivor F. **A construção social do currículo.** Ed. Educa-currículo. Lisboa, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2003.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo 1550-1800.** Editora Vozes Ltda. Petrópolis, RJ 1974.

LUCAS, Diego. **Entre a casa grande e a senzala: heranças africanas na religiosidade brasileira.**

<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2015/02/11-1-5.pdf>

MAESTRI, Mario. **A Revolta da Chibata faz cem anos.** Antíteses, v. 3, n. esp. p. 24-38, dez. 2010. <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>.

MEC. RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS- MISNISTÉRIO DA EDUCAÇÃO- PORTAL MEC
<http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-viculados-82187207/12989-relacoes-etnico-raciais>.

MUNANGA, Kabengele & Gomes, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje.** Editora Global 2ª edição, 2016.

PEREIRA, Amílcar Araújo. **A lei 10.639/03 e o movimento negro: aspectos da luta pela reavaliação do papel do negro na história do Brasil.**

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2011v12n17p25>

PEREIRA, Márcia Moreira & Maurício Silva. **O Percurso da Lei 10639/03: Antecedentes e Desdobramentos.** Artigos publicados. Linguagens & Cidadania, v. 14, jan./dez., 2012

PRADO, Patrícia do. **Congada, corpo e cultura na 125ª festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário, Catalão-GO**. Campinas, 2003.

RAMOS, Arthur. **O negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Graphia, 2001.

RODRIGUES, Ana Paula Costa & RATTIS, Alex. **Corporeidade negra e espaço público em Goiás: A congada de Catalão (GO)**. ISSN: 15-7816 vl 10 nº1 jan/dez 2008.

SACRISTÁN, J. Gimeno e Pérez, A. I, Gomez. **Compreender e transformar o ensino**. Ed. Artmed 1998. SANTOS, Leidiane. **A História e Cultura Afro-Brasileira e a Lei 10639/03**. Artigos publicados 2008.

SELEPRIN, José Maiquel. **O mito na sociedade atual - educadores**

www.educadores.diaadia.pr.gov.br/.../artigos.../Artigos/O_mito_na_sociedade_atual.p..

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

YOUNG, Michael. Tradução Leda Beck revisão técnica e notas Paula Louzano

Michael Young Cadernos de Pesquisa v.44 n.151 p.190-202 jan./mar. 2014 197. (Revista portal vip 88ª edição janeiro de 2015 p.11).